



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Alice Maria Cardoso Simões

A TRADUÇÃO DE MANUAIS DE INSTRUÇÕES

**AS DIFERENÇAS ENTRE MANUAIS DE INSTRUÇÕES ESCRITOS
EM ALEMÃO E INGLÊS**

**Relatório de Estágio do Mestrado em Tradução, orientado pela Doutora Judite
Carecho, apresentado ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra**

Outubro de 2021

FACULDADE DE LETRAS

A TRADUÇÃO DE MANUAIS DE INSTRUÇÕES

AS DIFERENÇAS ENTRE MANUAIS DE INSTRUÇÕES ESCRITOS EM ALEMÃO E INGLÊS

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	A tradução de manuais de instruções
Subtítulo	As diferenças entre manuais de instruções escritos em alemão e inglês
Autor/a	Alice Maria Cardoso
Orientadora	Judite Manuela Silva Nogueira Carecho
Júri	Presidente: Doutor Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho
	Vogais:
	1. Doutora Rute Isabel Fernandes Soares
	2. Doutora Judite Manuela Silva Nogueira Carecho
Identificação do Curso	Mestrado em
Área científica	Tradução
Especialidade/Ramo	Português e duas línguas estrangeiras (Alemão/Inglês)
Data da defesa	18-11-2021
Classificação do Relatório	17 valores
Classificação do Estágio e Relatório	17 valores



Agradecimentos

Primeiro, gostaria de agradecer à L10N e ao Dr. Dinis Carvalho, por ter permitido que o meu estágio se realizasse na sua empresa e por me ir aconselhando sobre alguns possíveis temas para o relatório. Segundo, gostaria de agradecer à Prof. Doutora Judite Carecho, por ouvir as minhas frustrações iniciais e me aconselhar sempre sobre qual seria o melhor rumo a tomar, em relação ao tema. Terceiro, agradeço aos meus pais, por permitirem a continuação dos meus estudos, a todos os meus professores, e não só de mestrado, a uma lista enorme de pessoas, com as quais fui falando sobre este projeto hercúleo, nomeadamente, o Xavier, a Leo, a Gi, a Poly, a Magda, a Ana Cristina e a Catarina, a Inês e o Pedro, a equipa do SDPJ de Coimbra, os queridos colegas de mestrado e os recentes colegas de trabalho. Quero celebrar ainda o *terminus* do relatório com um poema de Ana Luísa Amaral que fala sobre todas as vezes em que se perde a inspiração, sendo preciso parar para recentrar as ideias.

CARTA A LÍDIA SOBRE A POESIA QUE SE ACHOU PERDIDA

Disse-te ontem à noite
que a perdi

E não se estava à beira-rio,
nem eu te convidei a sentares-te comigo:
era num restaurante,
havia muita gente
e algum rasto finíssimo de frio

Tu disseste-me ‘escuta’,
querendo dizer-me ‘sente’

Hoje tentei de novo ouvir
tão hesitante como deve ser
os assuntos escuros do teatro
onde moramos todos

mas onde tantos,
nem sequer por instantes
recebem foco ínfimo de luz

E o rio tornou-se nada, Lídia,
pois ela veio: indócil, mergulhante,
tímida de criança

a puxar-me insistentemente pela dobra da
blusa

obra mais quente do que o meu café

Em confiança, escuta:

o que te disse ontem à noite, vejo agora,
era um pouco mentira,
uma provocação a ver se ela me achava,
um exorcismo quase

Obrigada por me lembrares, amiga,
que não é sossegadamente
que a vida passa —

– Ana Luísa Amaral
(*in What's in a name*)

RESUMO

A tradução de manuais de instruções – as diferenças entre manuais de instruções escritos em alemão e inglês

O presente documento contém, na sua primeira parte, o relato da minha experiência de estágio curricular na empresa L10N, em Lisboa, a qual ocorreu entre os dias 6 de outubro de 2020 e 28 de janeiro de 2021. Para além da descrição do estágio, são feitas algumas considerações sobre o impacto da pandemia de Covid-19 nesta experiência, na minha relação com os colegas de trabalho e no mundo do trabalho em geral. É feita ainda uma comparação entre a perspetiva de trabalho idealizada no mestrado e a perspetiva real de um tradutor profissional.

Na parte monográfica deste trabalho, é apresentado um tema de investigação que se revelou pertinente ao longo do estágio e que é referido no título do relatório; a procura de diferenças entre manuais de instruções escritos em alemão e inglês. Antes de apresentar os dados obtidos através da análise do corpus, recolhido em contexto de estágio, tentar-se-á definir o que é a tradução técnica, tendo por base bibliografia referente ao tema, visto que os manuais de instruções são documentos trabalhados em contexto desta vertente da tradução. O corpus recolhido será analisado tendo em conta diversas características dos manuais de instruções, nomeadamente: i) a situação comunicativa; ii) os tipos de títulos utilizados; iii) a estrutura dos manuais; iv) a referência ao emissor e ao recetor; v) as estruturas frásicas comuns nos manuais de instruções; vi) a utilização de símbolos e palavras de aviso e vii) a utilização de marcadores de cortesia.

Palavras-chave: tradução, manuais de instruções, estrutura, estilo, covid-19.

ABSTRACT

Translating instructions – differences between instruction manuals written in German and English

The following document is composed by two parts. The first one holds a report on my experience as an intern, at L10N, a translation company in Lisbon, describing the internship and all the projects that have been completed. The internship started on the 6th of October 2020 and ended on the 28th of January 2021, more specifically, during the Covid-19 pandemic. Having that said, this condition will also be briefly analyzed, regarding the way it affected my experience and the interaction with my work colleagues and how it affects the working market in general. By the end of this part, the working market idealized during the Translation Master's will also be compared to the real life of a translator.

The second part of the document constitutes a monograph that explores an investigation whose thesis, mentioned on the title of the document, arose during the internship. The investigation aims to point out differences between instruction manuals written in German and English. Previous to the presentation of the results obtained on the investigation, there will be some sections that aim to define the concept of technical translation with the help of some literature about the area, and always remembering that instruction manuals are the kind of document that can be worked upon this type of translation. The data will be analyzed accordingly to several characteristics of the instruction manuals, namely: i) context of communication; ii) type of title; iii) each manual's structure; iv) the reference to sender and receiver; v) common sentence structure found in instructions manuals; vi) the usage of warning signs and symbols; and vii) the usage of politeness markers.

Keywords: translation, instruction manuals, structure, style, covid-19.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 – Legenda de palavras e símbolos de aviso retirada do corpus	57
Figura 2 - Legenda de palavras e símbolos de aviso retirada do corpus	57
Figura 3 – Legenda de palavras e símbolos de aviso retirada do corpus	58

GRÁFICOS

Gráfico 1 – Motivos para a referência da empresa.....	42
Gráfico 2 – Distribuição do marcador de cortesia.....	63

TABELAS

Tabela 1 - Áreas de especialização e respectiva ocorrência no corpus	35
Tabela 2 - Exemplos de títulos registados no corpus	38
Tabela 3 - Tipos de títulos e respectiva ocorrência em cada língua.....	38
Tabela 4 – Palavras utilizadas para referir o leitor	46
Tabela 5 – Frases do corpus escritas na passiva, em inglês e alemão	51
Tabela 6 – Utilização de nominalizações, em inglês e alemão	52
Tabela 7 – Utilização de palavras formadas com <i>-ing</i> , em inglês	53
Tabela 8 – Utilização do imperativo em inglês e em alemão	54
Tabela 9 – Frases em inglês onde não é possível distinguir imperativo de infinitivo.....	55
Tabela 10 – Utilização do infinitivo em alemão	55
Tabela 11 - Palavras de aviso retiradas dos manuais em inglês	58
Tabela 12 - Palavras de aviso registadas nos manuais em alemão.....	59
Tabela 13 – Palavras de aviso em inglês e alemão e respectivas traduções	60

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
I. DESCRIÇÃO DA ENTIDADE DE ACOLHIMENTO	1
1.1. A decisão de fazer estágio	1
1.2. Caracterização da entidade de acolhimento	2
1.3. Caracterização do estágio	4
1.4. Descrição do trabalho realizado	6
1.5. Outras considerações	9
II. A TRADUÇÃO TÉCNICA.....	11
2.1. O que é a tradução técnica?	11
2.2. A formação e a visibilidade do tradutor técnico.....	16
2.3. A função da tradução e a relação com o leitor e com o cliente	20
2.4. Terminologia e problemas de tradução na tradução técnica	26
2.5. Normas e convenções tradutivas	28
III. MANUAIS DE INSTRUÇÕES	31
3.1. Descrição do corpus e apresentação do objetivo da investigação	31
3.1.1. Situação comunicativa dos manuais de instruções	33
3.1.2. Tipos de títulos.....	36
3.1.3. Estrutura dos manuais	39
3.1.4. A referência ao emissor e recetor dos manuais de instruções.....	41
3.1.5. Estruturas frásicas comuns nos manuais de instruções.....	50
3.1.6. Utilização de símbolos e palavras de aviso.....	56
3.1.7. Utilização de marcadores de cortesia.....	62
3.2. Conclusão	63
BIBLIOGRAFIA/FONTES CONSULTADAS	67

INTRODUÇÃO

Este documento constitui o meu trabalho de conclusão do Mestrado em Tradução, na Universidade de Coimbra, e divide-se em duas partes: uma contém a descrição do estágio curricular feito em contexto de conclusão do grau académico referido e a outra contém uma vertente de monografia, onde é explorado o tema “A tradução de manuais de instruções – as diferenças entre manuais de instruções escritos em alemão e inglês”, com base na experiência adquirida em estágio.

Na primeira parte, serão apresentados alguns motivos para a escolha da entidade de acolhimento, que será apresentada em termos de constituição e de dinâmica de trabalho. Posto isto, será feita a descrição do trabalho realizado em estágio, onde se irão abordar questões como os conhecimentos adquiridos, as funções desempenhadas, as ferramentas utilizadas e os projetos recebidos, apresentando a sua quantidade e respetiva distribuição em termos de língua (inglês e alemão). No final da primeira parte, será feita uma reflexão sobre a influência da pandemia de Covid-19 no decorrer do estágio.

Na segunda parte, serão apresentados os dados e os resultados da investigação sobre o tema escolhido. Inicialmente, será descrito o corpus e apresentado o objetivo da investigação. Depois disso, serão apresentados alguns elementos característicos dos manuais de instruções, comparando a sua utilização, tanto nos documentos em inglês, como nos documentos em alemão. À medida que os elementos do corpus vão sendo apresentados, será feito um cruzamento com alguns estudos existentes, de modo a perceber se os resultados obtidos nesta investigação coincidem com os de outras. Por fim, será feita uma reflexão sobre quais as implicações que algumas particularidades dos resultados podem ter na tradução e, posteriormente, serão apresentadas possíveis traduções, para português, relativamente a alguns dos resultados.

I. DESCRIÇÃO DA ENTIDADE DE ACOLHIMENTO

1.1. A decisão de fazer estágio

Como aluna do Mestrado em Tradução, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e, após concluir o primeiro ano, optei por realizar um estágio curricular, porque acreditei que esta decisão me traria benefícios profissionais para o futuro. O facto de ter um *curriculum vitae* preenchido apenas por experiências de voluntariado tornava uma futura candidatura ao

mundo do trabalho pobre e pouco consistente. Por outro lado, também era meu desejo conhecer melhor o mercado da tradução antes de ingressar nele e decidir se era realmente este o caminho profissional que queria para mim.

Inicialmente, o meu objetivo era fazer um estágio no estrangeiro, sob a alçada do programa Erasmus, mas com a pandemia de Covid-19 instalada na Europa, decidi apostar antes no contexto português, optando por procurar empresas em Lisboa. Nesta cidade poderia vir a experienciar um verdadeiro ambiente de negócios que refletisse a intensidade dos dias de hoje. A minha procura de empresas de tradução foi apoiada na lista de empresas com protocolos assinados com a faculdade. Após alguns contactos com empresas que constavam na lista, cheguei à L10N. A decisão sobre a L10N foi baseada nos seguintes fatores: i) *feedback* de qualidade fornecido pelos professores; ii) existência de outros alunos do curso que já tinham lá estagiado; iii) existência da área de especialização desejada; e iv) trabalho com várias *CAT tools*. Após o contacto com o Dr. Dinis Carvalho, o gerente da empresa, e resposta positiva para a realização do estágio, marcou-se uma data para a concretização de uma prova de admissão, composta por textos das áreas de trabalho da empresa, em alemão e em inglês, da qual resultou a oficialização da minha entrada na empresa.

Após a prova e alguma conversação com o Dr. Dinis Carvalho, ficou acordado que o meu estágio teria início a 6 de outubro de 2020 e terminaria a 28 de janeiro de 2021. Apesar de estarmos em contexto de pandemia, foi dada sempre preferência a um estágio normal, ou seja, presencial, para facilitar o acompanhamento e para me integrar no esquema de trabalho da empresa. Tendo isto em conta, no primeiro dia de estágio, fui recebida pela minha Orientadora, a Mestre Ana Rita Canteiro, Gestora de Projetos, e pelo Dr. Dinis Carvalho, que me mostraram as instalações e me apresentaram aos funcionários da empresa presentes no local (eram apenas quatro Gestores de Projetos, visto que os restantes funcionários estavam em teletrabalho) e, posteriormente, me forneceram as normas de trabalho da empresa. Com o avanço da situação pandémica em Portugal, mais concretamente, em Lisboa, falei com o Dr. Dinis Carvalho com vista a uma possível mudança para tele-estágio e em meados de novembro passei a trabalhar em casa.

1.2. Caracterização da entidade de acolhimento

A empresa que me acolheu chama-se L10N¹, foi criada no dia 13 de abril de 2009, atualmente tem sede na Rua Carlos Testa, n.º 1, 4C 1050-046 Lisboa e é membro da Associação

¹ L10N é uma sigla muito utilizada em textos académicos sobre a tradução e significa *localization*. A utilização de siglas semelhantes a esta tornou-se frequente para evitar a escrita recorrente de palavras muito grandes. Este tipo de siglas é composto por duas letras, que representam as letras inicial e final do substantivo em questão, e por um número

Portuguesa de Empresas de Tradução (APET). Neste momento, a empresa tem 14 funcionários, entre os quais: um gerente, um Team Leader, um Quality & Vendor Manager, quatro gestores de projetos (PM), seis tradutores e um comercial, mas trabalha mensalmente, em média, com 50 tradutores *freelance*. A empresa trabalha com documentos das indústrias farmacêutica, médica, automóvel e da indústria pesada, bem como traduções de websites, software, comunicações de marketing e de documentos de e-learning e formação. Trabalha ainda com 40 línguas, sendo as mais recorrentes o inglês, o alemão, o espanhol, o francês e o italiano, e pede a colaboração de outras empresas de tradução quando é necessária a tradução de documentos em línguas orientais. Para além da tradução, a L10N oferece ainda serviços de Gestão Terminológica e de Controlo de Qualidade, estando classificada com a norma ISO 17100.

O modo de gestão do trabalho e da comunicação interna desta empresa, a meu ver, é muito simples e eficaz, sendo facilitado por um método de trabalho em rede. Para a gestão de projetos, a qual vai desde a receção da encomenda do cliente à entrega desta ao tradutor, é utilizado o Plunet Business Manager, um website de gestão de projetos de tradução. O Plunet está ligado ao e-mail institucional de cada funcionário, que por sua vez está ligado ao Outlook, no computador de trabalho. É através deste sistema que cada tradutor recebe uma notificação sobre a atribuição de um novo projeto. Para além destes dois meios, todos os funcionários têm à sua disposição a utilização do Skype, que facilita a comunicação entre o tradutor e o PM, para a resolução de problemas e dúvidas relacionados com o projeto. No Plunet é possível encontrar uma pasta comprimida com os ficheiros do projeto. Para a concretização de um projeto, a empresa fornece material como dicionários em papel e revistas/artigos de várias especialidades, um computador com acesso livre à Internet, o que permite consequentemente a pesquisa de conteúdo relacionado com as traduções nos mais variados websites, memórias de tradução e bases terminológicas internas e a ligação remota, para o caso de quem está a fazer teletrabalho. É relevante ainda referir que a L10N trabalha com vários programas de tradução, para além dos geralmente utilizados em contexto académico (o MemoQ e o SDL Trados Studio). Exemplo disso são o Memsource (ferramenta *online* e *offline*) e o XTM (ferramenta *online*), com os quais também trabalhei, e o Xbench, o Wordfast e o Across.

que revela a quantidade de letras que estão entre a inicial e a final. Alguns exemplos de siglas semelhantes: i) I18N = *internationalization*; ii) T9N = *translation*; iii) G11N = *globalization*.

1.3. Caracterização do estágio

O meu estágio tinha um horário semanal de 28h; trabalhava apenas até quinta-feira de manhã, devido à necessidade de conjugar o estágio com a minha função de coordenadora de um grupo de voluntariado em Coimbra. Comecei o estágio, presencialmente, no dia 6 de outubro, mas no dia 23 de novembro passei para tele-estágio. Tendo agora a perspetiva dos dois ambientes, creio que trabalhar no escritório ajuda a que o funcionário esteja mais focado, mas, por outro lado, é mais stressante, devido às deslocações que se têm de fazer antes e depois do horário de trabalho. Para surpresa minha, no tele-estágio tornei-me mais produtiva e eficaz, eventualmente por já estar habituada a estar em casa, devido à experiência anterior de ter aulas em casa. Desta forma, posso concluir que, apesar de tudo, me habituei muito bem ao ambiente de tele-estágio e que superei o meu receio de não conseguir conciliar casa e trabalho.

No primeiro dia de estágio, foi-me apresentada a empresa e os funcionários, e depois disso fui entrevistada pelo Dr. Dinis Carvalho, que me questionou sobre algumas das minhas intenções ao realizar o estágio e também registou algumas áreas às quais dava preferência para trabalhar. Informei-o de que estava mais à vontade em áreas mais ligadas à mecânica e menos com documentos legais, mas que facilmente me adaptaria a qualquer projeto. Após a entrevista, foi-me apresentado um documento com os deveres e direitos do tradutor da empresa, o qual assinei. Posto isto, foram-me atribuídos um lugar na sala de tradutores, na qual estava ainda e apenas a minha colega de estágio, um computador e os respetivos dados de acesso. Na minha pasta de projetos pude encontrar um documento com o guia de estilo da empresa, bem como alguns documentos com sugestões sobre a utilização do MemoQ e do SDL Trados Studio e sobre como pesquisar eficazmente no Google. Foram-me fornecidos ainda os meus dados de acesso ao Plunet Business Manager (o Outlook e o Skype estavam já abertos) e foram-me imediatamente passados alguns documentos que já tinham sido traduzidos, para poder treinar e para me habituar ao software de tradução. Todos os outros tradutores estavam em teletrabalho, significando que não tive contacto com eles e, conseqüentemente, não pude tirar dúvidas com quem exercia a mesma função que eu na empresa. Considero esse um ponto negativo no desenvolvimento do estágio.

Ultrapassada a fase dos projetos de habituação, foram-me dados alguns trabalhos pequenos e com um prazo alargado, para que eu e os PM que me acompanhavam percebêssemos qual era o meu desempenho na tradução, tanto a nível de resolução de problemas como a nível da relação de qualidade-tempo. Apesar de não ter tido muito feedback positivo nesse sentido, ao longo do

estágio, sinto que a atribuição progressiva de trabalhos mais longos e exigentes se fez notar, fazendo-me sentir também que o meu trabalho era de confiança.

Numa fase inicial, recebia os projetos através de uma pasta de trabalho em rede, mas, assim que me foram fornecidas as minhas credenciais do Plunet, passaram a ser-me entregues por essa via. É de referir que apenas recebi 3 tipos de projetos: i) tradução; ii) pós-edição; e iii) tradução e pós-edição. Poucas foram as vezes em que recebi projetos completamente em branco, ou com uma memória de tradução vazia, e também foram poucos os que eram apenas de pós-edição². Os projetos eram maioritariamente mistos, querendo com isto dizer que, devido às memórias de tradução que vinham de outros projetos, tanto havia segmentos completamente em branco, como segmentos com *fuzzy matches*³ entre 50 e 100%.

Numa pasta de projeto, para além do documento a traduzir, que vinha em formato Word, PDF, Excel, PowerPoint ou Bloco de Notas, podiam estar os seguintes documentos:

- Ficheiro de trabalho do projeto aberto na *CAT tool*, se esta fosse *offline*, ou as credenciais para o acesso ao ficheiro numa *CAT tool online*;
- Instruções de tradução;
- Guia de estilo do cliente;
- Tabela para colocar questões ao cliente (Query Log);
- Material de referência do cliente, como outros textos semelhantes ou websites da marca;
- Memórias de tradução (do cliente e/ou da empresa);
- Bases terminológicas;
- Tabela de notas sobre a tradução para o revisor.

Apesar de todos estes ficheiros me terem aparecido em pastas de projetos, é normal que, por vezes, alguns não aparecessem. As instruções de projeto talvez sejam as que mais raramente não apareciam, tendo em conta que eram elas que definiam aquilo que o cliente queria ou que indicavam determinados pontos importantes, como a não tradução de medidas, partes do texto ou nome do produto. Nas instruções do projeto poderiam surgir ainda explicações de como trabalhar

² A “pós-edição” é um conceito que se tem vindo a explorar na área da tradução, desde o início da utilização de *Machine Translation (MT)*. Para explicar de forma simples a pós-edição, Jeffrey Allen (2003, p. 197) refere que “the task of the post-editor is to edit, modify and/or correct pre-translated text that has been processed by an MT system from a source language into (a) target language(s).”

³ Segundo Bert Esselink (2000, p. 135) uma *fuzzy match* é uma correspondência automática do software de tradução para determinado segmento que não é exatamente igual ao traduzido anteriormente. Se a correspondência entre a memória de tradução e o segmento fosse perfeita, chamar-se-ia antes uma *match* e o software apresentaria 100% de correspondência.

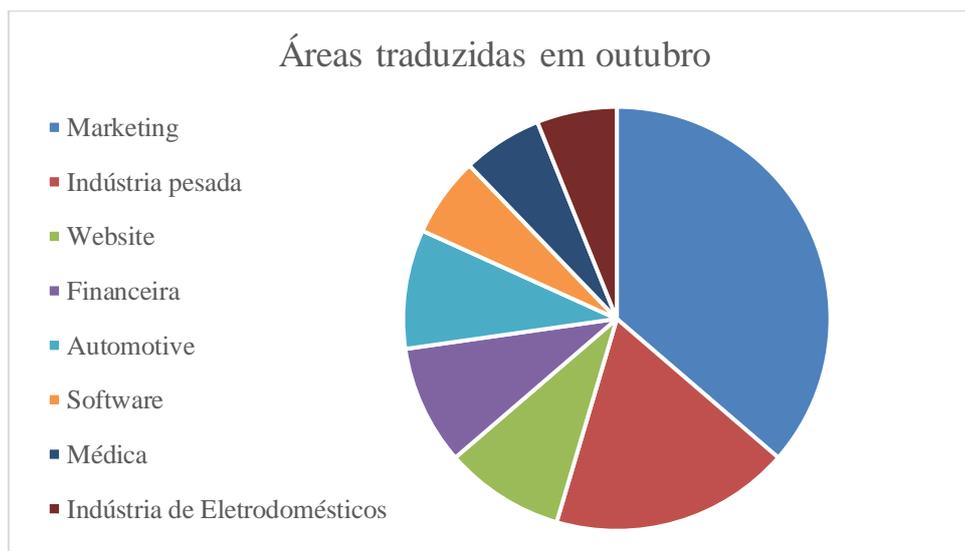
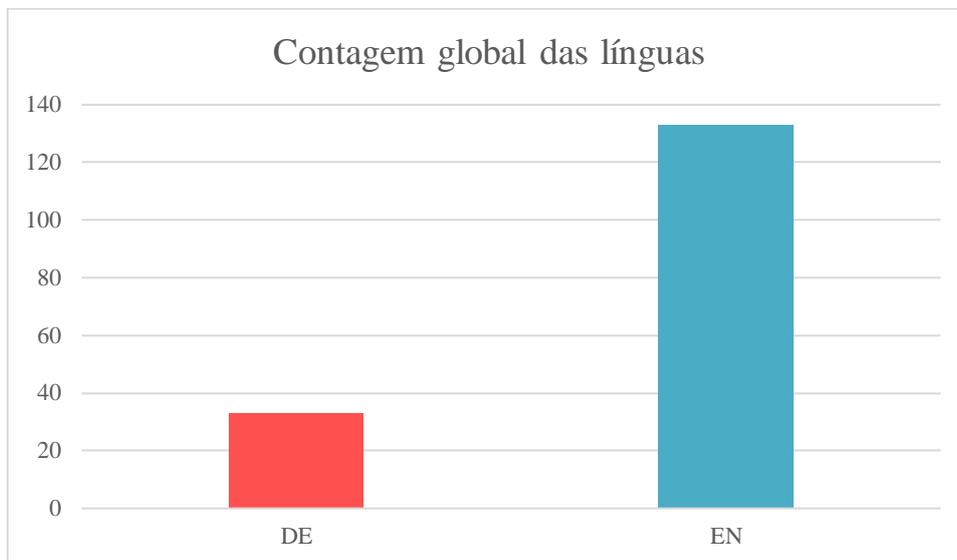
com determinado programa ou de como ajustar algum tipo de definição. Poderiam estar ainda as credenciais de acesso à *CAT tool online*, se se desse o caso. O guia de estilo do cliente nem sempre estava na pasta. A existência de guia de estilo prendia-se com a necessidade de o cliente de transmitir exigências muito bem definidas, relativamente à apresentação do documento ou redação de determinados pontos específicos. Havia poucas empresas a entregarem guia de estilo, mas faziam-no porque tinham documentos com regras estilísticas muito restritas e porque pretendiam seguir uma estrutura igual para toda a sua comunicação. A tabela de questões para o cliente era um ficheiro de Excel onde o tradutor podia colocar questões ao cliente, como a clarificação de um conceito, frase ou parte do texto. As memórias de tradução existiam sempre, ao contrário das bases terminológicas. A maioria dos clientes fornecia apenas a memória de tradução. Isso significa que o tradutor teria de procurar na função “Concordance” a ocorrência do termo noutras traduções. As bases terminológicas eram menos frequentes, porque nem todos os clientes têm um terminólogo ao dispor. Por fim, e não menos importante, a tabela de notas para o revisor servia para que o tradutor incluísse comentários sobre a tradução, que o revisor deveria ter em conta. No meu caso, e como estagiária, utilizei a tabela de notas várias vezes, como forma de avisar o/a revisor/a sobre a incerteza de determinada tradução ou como chamada de atenção para determinada frase que poderia estar incorreta.

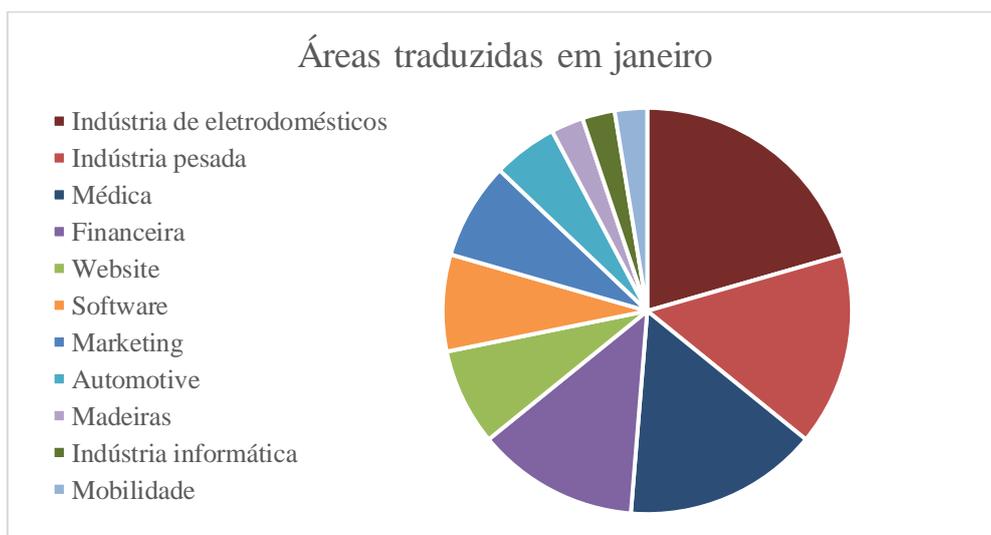
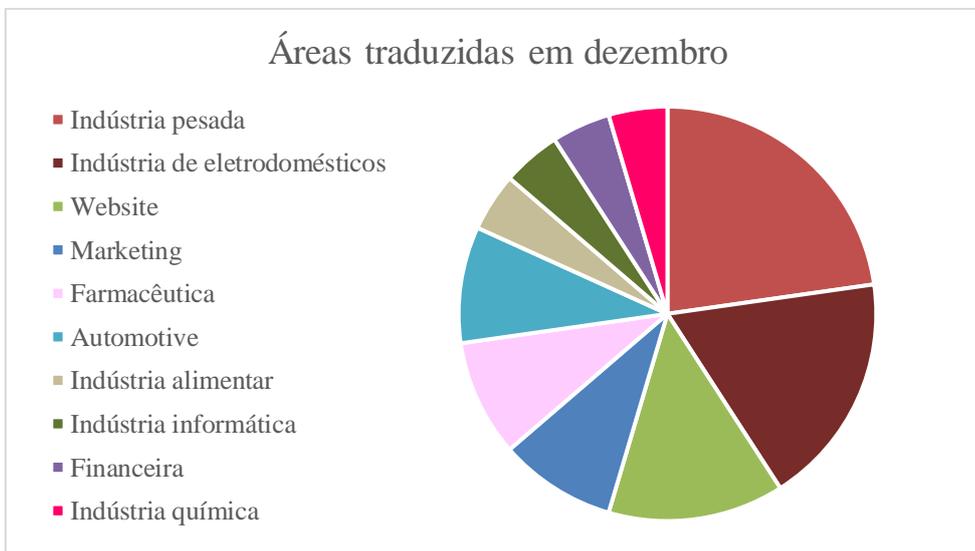
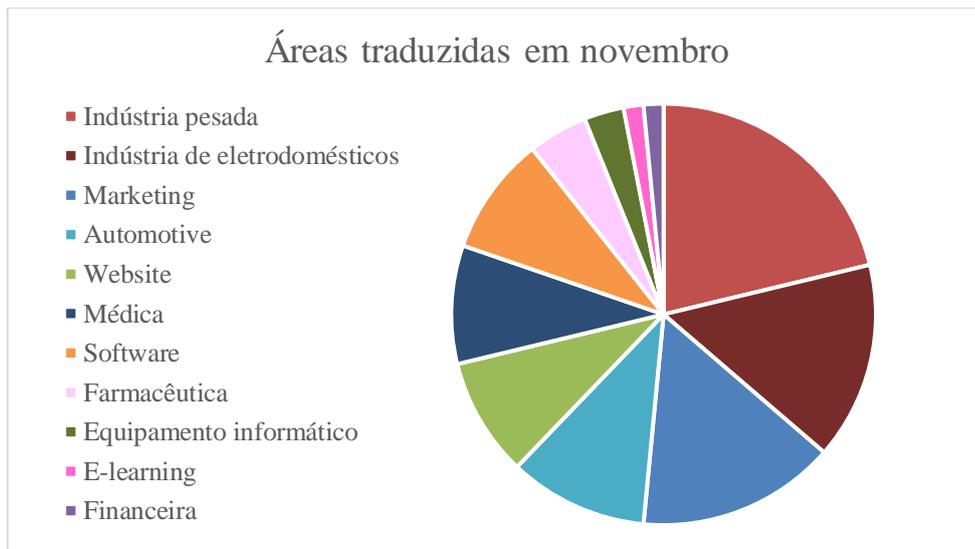
O modo de receção dos projetos, que acabei de descrever, manteve-se durante todo o estágio, mesmo quando passei a trabalhar à distância.

1.4. Descrição do trabalho realizado

As minhas funções na empresa resumiram-se apenas à tradução. Não tive a oportunidade de fazer revisão de texto nem de perceber o percurso de cada projeto, desde a criação da encomenda até à entrega. Presumo que o facto de ter estado em tele-estágio tenha diminuído essa possibilidade. Apesar de tudo, fiz 166 projetos que, em relação ao início do estágio, foram aumentando em termos de tamanho, dificuldade e quantidade. De entre estes projetos, 33 são em alemão e 133 são em inglês; contudo, é de referir que a maioria dos projetos alemães eram mais densos do que os projetos em inglês. Inicialmente recebia projetos curtos e tinha muitos tempos mortos, os quais aproveitava para praticar o trabalho com as ferramentas CAT. Com o avançar da experiência esses tempos mortos diminuíram e rapidamente comecei a receber imediatamente um projeto novo após o término de outro. Fiz projetos com um número de palavras muito variado, desde as 5 palavras às 6000, o que me deu também uma boa perceção do meu ritmo de trabalho e da minha capacidade de resolver as dificuldades de tradução em projetos mais pequenos e sem contexto.

Os gráficos apresentados a seguir são um registo do trabalho efetuado ao longo dos meses, em termos da distribuição das duas línguas e em termos da ocorrência das áreas traduzidas.





Através de uma breve análise a todos os gráficos, é possível concluir que a área que mais me foi apresentada foi a da indústria pesada, seguida do marketing e da área do *automotive*. A estas duas indústrias seguem-se a de eletrodomésticos e a médica, que também se revelaram muito frequentes. Apesar de estas áreas serem as mais frequentes, a empresa vai recebendo pedidos relativos a outras áreas menos comuns, como, por exemplo, a da mobilidade, que engloba marcas de cadeiras de rodas e outros apoios à mobilidade, ou até a da indústria alimentar, com a tradução de rótulos de embalagens de alimentos. Posso concluir que a empresa com que trabalhei durante estes meses tem um vasto leque de clientes internacionais e conhecidos, que certamente se apoiam na relação de confiança entre os dois.

Sobre o trabalho realizado, resta-me dizer que, após alguns projetos, era-me enviada uma folha de Excel com comentários à minha tradução. No total recebi 53 folhas de *feedback* e sempre de projetos pequenos que realmente justificassem esse envio de *feedback*. Sobre os projetos grandes, não obtive informações. Infelizmente, não recebi muito mais *feedback* para além do que estava presente nas folhas. Sinto que, ao longo do estágio, houve alguma falta de crítica positiva, o que inicialmente me fez sentir um pouco perdida, por não saber se estava a proceder bem ou mal. Resta-me depreender sobre o *feedback* que o facto de continuar a receber projetos, e o facto de estes terem vindo até a aumentar, revela que a minha entidade de acolhimento apreciou e confiou nas minhas capacidades.

1.5. Outras considerações

Para terminar esta primeira parte, gostava ainda de fazer uma apreciação global sobre aquilo que nos é ensinado no Mestrado de Tradução e comparar com aquilo que existe no mercado de trabalho. Em primeiro lugar, considero que é extremamente útil tudo aquilo que aprendi em Mestrado e que de facto tive muito bons professores. Creio que aquilo que aprendemos no primeiro ano nos ajuda a olhar para o texto de forma diferente de um leitor normal e que nos ajuda a tornar bons profissionais. No mercado de trabalho, o ritmo a que os processos decorrem não permite, por vezes, a aplicação imediata das teorias funcionalistas, como era desejável; contudo, os processos cognitivos têm sempre presente a base das teorias funcionalistas que é adquirida em contexto académico, para tomar as devidas decisões de tradução. Além disso, nem sempre são fornecidas tantas informações como as desejadas, como disse no ponto “1.4. Descrição do trabalho realizado”. Pode acontecer que o cliente nem sequer forneça instruções sobre o projeto e o público-alvo, que em contexto de trabalho é depreendido apenas através da marca que o cliente representa. É relevante referir ainda que é muito importante que num Mestrado os alunos sejam sensibilizados

para o trabalho em equipa, porque em contexto empresarial, a tradução baseia-se muito nisso, quando se fala de empresas de tradução. É importante que os alunos percebam que o trabalho chega às mãos do tradutor através do PM e que é entregue ao cliente só depois de passar pelo revisor, por isso, não é só o tradutor que importa, mas sim os outros profissionais envolvidos no processo. É da obrigação de cada parte facilitar o trabalho à seguinte, para que o trabalho final esteja de acordo com os pedidos do cliente. Neste caso, o PM tem de fornecer os devidos documentos (editáveis, no caso do texto de partida (TP)) ao tradutor e o tradutor tem de fornecer as devidas notas ao revisor, para que nenhum erro escape.

Como já referi anteriormente, o meu estágio (ou neste caso, tele-estágio) foi marcado por uma pandemia que veio dificultar, sobretudo, as interações humanas com os outros profissionais. Se, num contexto sem Covid-19, já é comum um aluno que nunca trabalhou sentir uma grande diferença entre o mundo universitário e o mundo profissional, então neste caso posso afirmar que é ainda pior e mais difícil de enfrentar. Apesar de saber que poderia ficar em tele-estágio, tinha a expectativa de partilhar experiências com outros tradutores e poder até expor-lhes alguns dos meus problemas. Por força do contexto, acabei por não ter praticamente qualquer contacto com os tradutores da empresa.

Resta-me acrescentar, como perspetiva positiva, que saio deste estágio com as minhas competências de escrita e de alemão muito mais desenvolvidas, o que me deixa orgulhosa e contente. Tenho especial preocupação com o alemão, porque não tenho tantos anos de prática nesta língua como tenho em inglês. Tenho apenas seis anos de alemão, comparando com os meus 14 anos de inglês, e tenho especial atenção em ir praticando esta língua mais recente, para tentar chegar ao mesmo nível que tenho na língua que me é mais familiar.

II. A TRADUÇÃO TÉCNICA

O tema principal deste relatório é a comparação de manuais de instruções, do ponto de vista da tradução técnica. Portanto, neste capítulo, inicia-se a reflexão sobre a forma como os manuais se enquadram nesta. Inicialmente, serão apresentados alguns dados sobre o que é a tradução técnica, numa tentativa de a definir. Depois disto, irá falar-se da formação e visibilidade do tradutor, passando também por perceber qual a função da tradução e a relação do tradutor com o leitor e o cliente⁴. Por fim, serão analisados alguns problemas que surgem no contexto da tradução técnica, relativos à terminologia, e será abordado o tema das normas e convenções na tradução, de forma a perceber qual o grau de influência que têm na prática tradutiva.

2.1. O que é a tradução técnica?

Javier Franco Aixelá (2004) apresenta um estudo sobre o desenvolvimento histórico da tradução técnica, com o apoio da BITRA, a base de dados de interpretação e tradução da Universidade de Alicante, focando-se em casos onde “(...) ‘technical’ is a keyword applied to publications on the translation of any text or text type in which there is a specific terminology belonging to a professional or academic field” (p. 32). O autor explica que nessa base de dados, os textos pertencentes a áreas mais comuns estão assinalados com a respetiva área (por exemplo legal, comercial, marketing), mas os de áreas menos comuns recebem apenas a classificação de “scientific and technical translation”. Aixelá apresenta alguns dados estatísticos sobre a evolução ao longo do século XX e acaba por concluir que a tradução técnica (TT) tem vindo a ganhar presença no contexto académico e laboral. O autor mostra um grande crescimento da tradução técnica no final do século XX, acrescentando que é o tipo de tradução mais abordada nos cursos de ensino superior e que no futuro será, talvez, a mais recorrente.

Relativamente à importância crescente da tradução técnica, Geoffrey Kingscott (2002) e Jody Byrne (2006) partilham da mesma opinião de Aixelá. Kingscott (2002:247) refere que 90% da tradução feita no mundo inteiro é a tradução técnica e Byrne (2006:2) aponta que, com o avanço da tecnologia e da investigação científica, é possível que a tradução técnica se torne um dos maiores empregadores na área da tradução.

A definição da tradução técnica anda muitas vezes de mãos dadas com a da tradução científica. Como é possível ver, Aixelá mostra uma ligação entre a tradução técnica e a científica; contudo, não esclarece nenhuma das duas ou aponta convergências ou divergências entre ambas.

⁴ Nesta secção, “cliente” é a pessoa que faz a encomenda de tradução; portanto, que usufrui dos serviços do tradutor.

Já Kingscott não esclarece o que é a tradução técnica, mas liga-a à tradução comercial. Esta atividade tradutiva poderá estar longe de ter uma definição fixa e restrita, no sentido em que não é uma atividade com uma especialidade independente, mas que está ligada a outras especialidades.

Começo a apresentação da posição de diferentes autores, sobre a definição de tradução técnica, com Juan Sager (1998:69), que afirma que existem, pelo menos, três tipos de tradução: a literária, a de textos não-literários e a de textos sagrados. Apesar de ser uma classificação geral e pouco explicativa, é uma divisão primária baseada em estratégias de tradução. Sager (1998:69) explica que “(...) non-literary texts, [are] usually called 'technical', which cover a wide range of purpose-specific texts. (...) [T]he range of these documents is exceedingly wide - non-literary texts have numerous subtypes (...)”. Douglas Robinson (2012) também coloca os diferentes subtipos de tradução na mesma categoria da tradução técnica, quando diz que “(...) learning specialized terminology is one of the main emphases in any course on legal, medical, commercial, or other technical translation” (p. 108). Portanto, para estes autores, tradução técnica é um rótulo dado, genericamente, à tradução de textos não-literários (Gouadec, 2007:30), mas é necessário ter em conta que esta categoria tem outras subclasses que especificam qual a especialidade do texto envolvido. Assim sendo, será possível dizer que Sager (1998) e Robinson (2012) adotam uma definição mais geral para este conceito de tradução, mas concordam que ela tem subclasses pertinentes que devem ser consideradas.

Por outro lado, há alguns autores que rejeitam o conceito geral mencionado acima e restringem mais a definição de tradução técnica. Por exemplo, Jody Byrne (2006:3) afirma que, ao consultar a já referida BITRA, não existe muita documentação que defina a tradução técnica e a que há foca-se na terminologia e nos eventuais problemas que um tradutor técnico poderá enfrentar no decorrer da atividade. Contudo, ele próprio indica que nesta discussão sobre o que é tradução técnica, é necessário fazer uma distinção entre tradução técnica e especializada. O autor refere que o facto de uma dada área ter uma terminologia fixa não a torna tradução técnica, mas sim especializada. Maeve Olohan (2009b:246) explica que esta confusão de conceitos acontece porque existem alguns académicos que associam a tradução técnica à tradução especializada. Para a autora, existe uma diferença clara entre tradução técnica e tradução de linguagens para fins específicos e, por isso, Olohan (2009b:246) acrescenta que “(...) there is a useful distinction to be made between ‘scientific and technical translation’, commercial translation, ‘legal translation’, etc.”.

No centro desta discussão sobre o que é afinal a tradução técnica, surge ainda uma outra sobre a distinção entre tradução técnica e tradução científica. Maeve Olohan (2009a:40) explica como estas duas áreas são determinadas pelo seu conteúdo:

Scientific and technical translation may be defined in relation to subject domains (science and technology) which are recognized by classification systems such as the Dewey Decimal Classification or the Universal Decimal Classification.

Ainda num outro artigo, Olohan (2009b:246) sublinha que não é possível declarar a tradução técnica e a tradução científica como sendo iguais, já que a especialidade da tradução técnica são temas tecnológicos, mais concretamente, material tecnológico, e a especialidade da tradução científica são assuntos científicos, mais concretamente, investigação relacionada com ciências da vida⁵. Para clarificar esta distinção, veja-se o que diz Jody Byrne (2006:3) sobre a tradução técnica: “(...) technical translation deals with texts on subjects based on applied knowledge from the natural sciences”, e o que diz Olohan (2009b:246) sobre as duas especialidades: “(...) scientific and technical translation as the translation of texts from the domains of science and technology (...)”. Considerando estas duas perspetivas, é possível afirmar que o que distingue o texto técnico do texto científico é o assunto, o tipo de linguagem e a finalidade (Byrne, 2006:8).

Como exemplo de distinção entre estas duas áreas de especialização textual, Halliday & Martin (1993:14) recordam três textos fundamentais da escrita técnica e da científica que, de certa forma, inauguraram o discurso técnico-científico em inglês, no século XVII. Em primeiro lugar, apresentam *Treatise on the Astrolabe* (1391) e *The Equatory of Planetis* (1932) de Geoffrey Chaucer, dois textos instrucionais que ensinam a trabalhar com instrumentos de navegação; em segundo lugar, referem *Treatise on Optiks* (1704), de Isaac Newton, que, através do método científico de observação, descreve a origem da luz natural. Halliday & Martin (1993:63) referem que os dois primeiros textos, contêm orações que descrevem processos e métodos para “doing science”, quer sejam mentais ou materiais; portanto, assumem uma perspetiva mais prescritiva. Por outro lado, o último texto mencionado, o de Newton, tem como intenção a descrição de processos de observação, de matéria viva ou natural, ou a descrição de métodos experimentais, assumindo uma perspetiva mais descritiva. Desta forma, será possível compreender que o texto técnico pretende instruir, indicar, dar orientações específicas ao leitor e que é um texto cuja especialidade poderá ser fácil de entender. Já o texto científico poderá ser de mais difícil

⁵ A referência às ciências da vida exclui as ciências sociais e humanas.

compreensão, visto que são várias as expressões e conceitos que mudam de zona para zona do globo, de equipa de investigação para equipa de investigação, etc. (Este problema é mencionado mais adiante, através da reflexão de Montgomery (2000:254) na secção “2.4. Terminologia e problemas de tradução na tradução técnica”.) Relativamente à diferença entre os dois tipos de textos, Bennett (2011:190), com base em Halliday & Martin (1993:63) refere ainda que “the grammar of scientific discourse is very restricted in scope; while technical vocabulary might present some problems, the availability of terminological databases, translation tools and online translator forums considerably eases the burden upon individual translators”.

A multidisciplinaridade existente nos textos científicos e técnicos e, por consequência, nas suas traduções, é o fator que aproxima a tradução técnica e a tradução científica e que faz com que seja comum a confusão entre estas duas especialidades tradutivas (Aixelá, 2004; Byrne, 2006; Olohan, 2009b). Por outro lado, o que distingue a tradução técnica numa aceção mais restrita e a define como tal é o seu carácter instrucional e didático, e também o conteúdo do texto em questão.

Para apoiar a definição e clarificação da tradução técnica, Jody Byrne (2006:2-8) faz uma análise sobre o que é esta atividade e expõe alguns equívocos comuns associados a esta especialidade da tradução. O autor apresenta seis equívocos relacionados com a tradução técnica que ajudam a perceber a sua posição em relação a esta especialidade. O primeiro equívoco já foi mencionado acima e está relacionado com a abrangência da tradução técnica. Mais uma vez, Byrne (2006:3) defende que a tradução técnica, apesar de multidisciplinar, é uma área em si mesma e que apresenta características muito específicas. A existência de terminologia para textos de outras áreas, como finanças, turismo, comunicação, direito, etc., não implica que elas sejam de cariz técnico.

O segundo equívoco está precisamente relacionado com a ideia de utilização intensiva de terminologia na tradução técnica. Byrne (2006:3-4) questiona a utilização de terminologia e cita Newmark (apud Byrne, 2006:3) para explicar que glossários, dicionários e outros materiais de apoio terminológico acabam, muitas vezes, por ser inúteis nesta especialidade, já que os termos utilizados são, muitas vezes, fixos e transversais a várias especialidades. Byrne dá mais importância à necessidade de saber escrever textos técnicos (um tema explorado mais à frente).

O terceiro equívoco é relativo ao estilo, que muitos creem não ser característico da escrita/tradução técnica. Byrne diz que “(...) [this misconception] is so completely unfounded and implies that technical translators do not have the same linguistic and writing skills as other types of translator” (p. 5). O autor sugere que este equívoco pode surgir da existente multiplicidade de

conceitos relativos a “estilo de escrita” e explica que é o estilo que torna o texto mais ou menos fácil de entender. Relativamente ao estilo, Nord (2018:58) refere que este também é um ponto essencial no processo de tornar o texto mais ou menos credível na cultura de chegada (“In order to achieve the intended functions, the text should conform to text type and general style conventions and a rather formal register”). Já O’Neill (1998:76) e Robinson (2012:109) indicam que, no processo tradutivo, é possível imitar o estilo do autor original e da especialidade, para dar a entender que o texto é um original.

O quarto equívoco (Byrne, 2006:5) aborda a ideia de que tradução técnica não implica a criatividade. Na tradução técnica, o recurso à criatividade também é necessário. O tradutor deve ser flexível e ter a capacidade de resolver problemas tradutivos através da criatividade. Um texto técnico não deixa de estar inteiramente ligado a uma cultura de partida que se pode revelar mais ou menos no texto. Tendo isso em conta, por vezes, o tradutor tem de criar formas de chegar ao público de chegada da mesma maneira que o autor do texto chegou ao público de partida. Douglas Robinson (2012:10) explica que a menção de criatividade ao cliente pode ser perigosa. É frequente que o cliente entenda que a tradução deve reproduzir literalmente o texto de partida (TP), não considerando que a criatividade é um ponto fulcral na resolução de vários problemas linguísticos. Na maioria dos casos, talvez seja mais prudente não referir junto do cliente que foi necessário ter alguma criatividade para resolver determinado problema tradutivo.

O quinto equívoco abre o debate sobre se o tradutor se deve especializar previamente na área que pretende traduzir. Este deverá ser o equívoco mais frequente em relação à tradução técnica. O assunto será abordado com mais pormenor, na secção seguinte, sendo possível afirmar desde já que o tradutor é quase como um ator, que finge saber ou ser alguém que não é, por exemplo, um médico, um mecânico, um contabilista, etc.

O sexto e último equívoco diz respeito ao conteúdo presente na tradução técnica. Byrne (2006:6) indica que, ao contrário do que se pensa, o texto técnico não é composto apenas de termos técnicos. O autor indica que, na verdade, é mais comum que o tradutor passe mais tempo a procurar soluções para expressões idiomáticas e para particularidades da língua de partida, do que a procurar termos técnicos. Como é referido no quarto equívoco, o tradutor tem de conseguir traduzir a intenção do texto, as expressões idiomáticas e/ou fixas, para além de várias outras propriedades linguísticas a ter em conta.

Em suma, após uma pesquisa no sentido de tentar definir o mais especificamente possível a tradução técnica, é possível afirmar que a tradução técnica é uma área da tradução que tem como

especialização a tecnologia e a aplicação de conhecimentos científico-tecnológicos e cujos textos têm um caráter instrucional. Estes textos, genericamente, dão a conhecer ao leitor a forma como se desenvolve determinado processo, tendo sempre como objetivo primordial a transmissão de informação correta.

2.2. A formação e a visibilidade do tradutor técnico

Na sequência do quinto equívoco sobre a tradução técnica apresentado por Byrne (2006), esta secção aborda não só os pré-requisitos que alguém tem de ter para ser tradutor técnico, como também a visibilidade do tradutor em contexto de tradução técnica.

Em relação à formação especializada que o tradutor deve ter ou não, Douglas Robinson (2012:109), compara os tradutores a “(...) actors, ‘getting into character’”. Os tradutores fingem ter uma formação que não têm, isto é, é comum que os tradutores de medicina não sejam médicos, ou que os de mecânica não sejam, de facto, mecânicos. Para se ser tradutor de áreas técnicas e/ou científicas, não é necessário ter formação académica nessa área em concreto. As especializações vão-se adquirindo ao longo dos anos de trabalho e, por isso, basta ao tradutor, quando ingressa no mundo do trabalho, ter formação em tradução e saber os fundamentos da ciência e da tecnologia, para associar conceitos e traduzir os documentos que lhe são apresentados (Byrne, 2006; Lee-Jahnke, 1998; O’Neill, 1998). No entanto, O’Neill (1998:77) reforça que para todas as traduções é necessário haver pesquisa, mesmo que se tenha quase a certeza da correção de determinados termos e conceitos. Ela dá o seu exemplo, dizendo que:

Sometimes I even check on certain things that I think I do know (particularly when I'm answering a question for someone on Lantra-L, where my response will be read by 900+ of my fellow translators), and I occasionally find that what I thought I knew is not necessarily correct!

O’Neill revela que é muito comum haver traduções de artigos médicos com erros graves, em termos de terminologia, por causa da incerteza do tradutor. O profissional pensa ter ouvido o conceito anteriormente e escreve algo que não tem nada a ver com o que está no TP. O conhecimento de base é uma ajuda, mas é necessário ter a certeza dos conceitos. A especialização do tradutor através de formação académica não é obrigatória, mas se o tradutor a tem, irá ser-lhe com certeza muito útil. Se um tradutor de documentos sobre biologia tiver sido biólogo, essa formação irá ajudar na atividade tradutiva. Um tradutor com formação numa outra área de conhecimento (direito, biologia, medicina, química, etc.) tem uma vantagem em relação a um

tradutor que não tem essa outra formação, especialmente no que toca à rapidez do processo tradutivo. Contudo, esse tradutor que tem uma formação adicional nunca deve descartar a necessidade de fazer pesquisa antes e durante a tradução. Reforçando a ideia principal, um tradutor necessita apenas de receber formação em tradução e ir desenvolvendo as suas capacidades de escrita e/ou pesquisa na área tecnológica/científica que mais traduz.

Lee-Jahnke (1998:83) explica que, na sala de aula, o professor de tradução deve ser o primeiro a dar pistas para que o aluno saiba tratar do texto que lhe é apresentado. Em sala de aula, o futuro tradutor deve aprender a distinguir os diferentes tipos textuais e quais os seus equivalentes nas suas línguas de trabalho, quais as linguagens para fins específicos e qual a especialidade do texto em questão. Não obstante, existem ainda algumas outras competências que o tradutor deve ter e desenvolver, de preferência ainda durante a formação. Byrne (2006:6) elenca cinco características que o tradutor deve ter para ser um bom profissional e um especialista em determinada área. Essas competências são:

- Conhecimento de base na área especializada;
- Competências avançadas de escrita;
- Competências de pesquisa;
- Conhecimento sobre géneros e tipos textuais;
- Competências pedagógicas.

O primeiro ponto já foi esclarecido anteriormente; o tradutor deve saber o básico sobre a área que traduz. Sabendo o básico, terá mais ferramentas para proceder a uma boa pesquisa. No entanto, é de considerar que é necessário saber também quais os sítios certos onde pesquisar, como terminologias *online*, dicionários específicos, revistas da área, documentos paralelos, etc. De seguida, é importante que o tradutor tenha bom domínio da sua língua de chegada e da escrita, mais especificamente da técnica/científica. Segundo Kingscott (2002:248) o tradutor técnico deve ter profundo conhecimento sobre a escrita técnica. Sobre a escrita, Bennett (2011:195) acrescenta, direcionando-se mais para os investigadores, que:

Mastery of scientific discourse not only enables researchers to participate on the international stage, bringing individual prestige, status and funding, but the close connections between science, technology and industry also mean that scientific research generates wealth for the country.

Poderá dizer-se que o mesmo se aplica aos tradutores que, ao dominarem o texto técnico, têm mais probabilidade de ganharem confiança, por parte dos clientes. A partir deste conhecimento linguístico, será mais fácil ao tradutor reconhecer quais os modelos textuais que devem ser aplicados e reproduzidos no texto em questão. Juan Sager (1998) refere que o tradutor deve conhecer os modelos textuais da cultura de chegada e os da cultura de partida, já que este conhecimento poupará ao profissional pesquisas desnecessárias que atrasam a atividade tradutiva. Por fim, e não menos importante, o tradutor deve ter competências pedagógicas, ou seja, perceber qual a melhor forma de chegar ao leitor e de lhe apresentar as informações contidas naquele texto (Larson, 1987:69). O'Neill (1998) refere a importância dos textos paralelos como uma ajuda ao tradutor, já que estes lhe permitem saber quando e onde deve utilizar determinado conceito.

Aixelá (2004:29) explica que na tradução existe uma espécie de hierarquia que coloca o tradutor técnico numa posição pouco favorável. O autor refere que nos estudos da tradução existem alguns autores, como por exemplo Schleiermacher (apud Aixelá, 2004), que acreditam que o tradutor que trabalha com textos para além do literário, do filosófico ou do religioso, não é realmente um tradutor, já que não tem nem metade dos problemas de um tradutor literário. Por outro lado, Ortega y Gasset (como referido em Aixelá, 2004:30), defende que o único verdadeiro tradutor é o técnico/científico, porque traduz a partir de uma linguagem quase artificial, isto é, enquanto na tradução literária é necessário fazer adaptações, omissões, entre outros, na tradução técnica a linguagem é vertida de língua para língua praticamente sem alteração idiomática. Já Jumpelt (apud Aixelá, 2004:30) indica que a tradução técnica não é tão simples quanto parece e diz que:

(...) the extremely high requirements set for scientific and technical translation mark it out clearly from other genres, making it into an independent research field in its own right. Over and above the ordinary desired qualities of a good translation, scientific translation additionally needs to respect both the referential function of language and the conventions of technical language to a degree that has no counterpart in other translation types as regards sheer precision of understanding of the surrounding world.

Em relação à imagem e estatuto do tradutor técnico, Aixelá (2004:30) aponta como desvantagem o facto de este nunca ser mencionado no texto que traduz. Depois da Conferência Geral de 1976, a UNESCO lançou um documento de recomendações para todos os Estados-Membros, no sentido de preservar a integridade profissional dos tradutores, afirmando, na alínea (h) do ponto III, que o nome do tradutor deve ter tanto destaque no documento como o nome do

autor. No entanto, estas indicações não são praticadas em todas as vertentes da tradução e, mesmo que não seja absolutamente explícito, estão mais vocacionadas para a tradução literária. Sager (1998:80) explica que o nome do tradutor técnico não aparece nos documentos porque ele adota a voz do escritor; ou age como um ator, como refere Robinson (2012:109). Além disso, a tradução de textos técnicos e/ou especializados é uma prática que dá mais importância à mensagem e à informação lá contida, o que faz com que, por hábito, se coloque um nome coletivo/empresarial para denominar o autor da tradução (Sager, 1998:81).

Esta decisão, relativa à identificação de tradutor técnico, pode fazer com que, no meio profissional da tradução, o seu trabalho possa ser desvalorizado por não ter o mesmo tipo de visibilidade que um tradutor literário. Além desta prática pouco valorizadora existe também a opinião pouco informada (atrevo-me a dizer) do público que, ao contrário dos profissionais, acha que qualquer pessoa pode ser tradutora literária e que o mesmo não acontece com os tradutores técnicos. Devido a esta ideia errada, há aquilo que Aixelá (2004:30) considera “um paradoxo do pagamento”. O autor refere que existe o mito de que nem toda a gente consegue ser tradutor técnico, mas que qualquer um pode ser tradutor literário. Dessa forma o tradutor técnico é mais bem pago, enquanto o tradutor literário é reduzido a pagamentos baixos.

Outro ponto importante a recordar é o facto de que todos os processos de tradução exigem pessoas para a concretização de cada papel. Byrne (2006:11) recorda que, genericamente, o mínimo de pessoas envolvidas no processo é três: “(...) the author, the translator and the reader”. Contudo, o próprio autor indica que é muito mais comum todo o processo envolver mais pessoas. Para corroborar esta ideia, Nord (2018:21) explica que há determinados casos em que existem mais agentes envolvidos no processo de tradução. No caso dos textos técnicos, é possível que haja então um produtor [*producer*], que redige o texto, um emissor [*sender*], que utiliza o texto em questão para a comunicação que pretende fazer, um encomendante, que faz a encomenda de tradução, o produtor do texto de chegada, ou seja, o tradutor, e só depois disto tudo vem o leitor.

Byrne (2006:13) refere ainda um ponto importante sobre a encomenda de tradução e o respetivo tradutor. No que toca às encomendas, é possível afirmar que quem as faz, ou seja, o encomendante, nem sempre é o produtor do texto. Além disso, o tradutor nem sempre é um trabalhador contratado pela empresa que faz uma encomenda; por outras palavras, nem sempre é um tradutor interno. A situação mais comum é a requisição de serviços de um tradutor freelancer ou de uma empresa de tradução. Os tradutores contratados pelo encomendante ou por uma empresa de tradução têm a vantagem de estar em contacto direto com especialistas e material adequado à

especialidade. Em contrapartida, os freelancers poderão ter de exigir ao cliente o fornecimento de material e informação específica sobre a encomenda, caso contrário, estão sujeitos a não conseguirem cumprir a tarefa corretamente (Byrne, 2006:15). A maior desvantagem deste pormenor é a perda de algum tipo de informação pelo caminho. Quando a encomenda é feita por alguém que não tem noção das implicações da atividade tradutiva, o texto de chegada pode vir a ter erros graves, como o desajuste do texto em relação ao público-alvo e em relação à cultura de chegada.

2.3. A função da tradução e a relação com o leitor e com o cliente

O ponto de partida desta secção são algumas abordagens teóricas sobre a prática tradutiva, nomeadamente a teoria do *skopos*, de Reiß e Vermeer (2014) e a teoria funcionalista da tradução, de Christiane Nord (2018).

Reiß e Vermeer (2014) explicam, no âmbito da teoria do *skopos*⁶ (ou *Skopostheorie*, em alemão) que o leitor ou utilizador final da tradução tem uma grande influência no processo tradutivo, que pode ser mais decisiva do que a influência do cliente. O cliente poderá eventualmente dar indicações sobre como fazer a tradução, mas o tradutor não deve deixar de considerar o leitor final. A teoria do *skopos* apresenta duas regras principais para a tradução (Reiß & Vermeer, 2014:90-91). A primeira regra, é que a tradução segue o princípio geral de que “(...) any action is determined by its purpose, i.e. it is a function of its purpose or *skopos*” (p. 90). A segunda regra, que está associada à primeira, é denominada de regra sociológica e explica que o *skopos* da tradução varia de acordo com o recetor do texto (“The intended audience (‘addressees’) or recipient may be described as a specific kind or subset of *skopos*. How an interaction is carried out depends, among other things, on the relationship between the parties to an interaction”, cf. p. 91). A *Skopostheorie* propõe ainda um esquema de tomada de decisões para a tradução com base nestas duas regras (p. 91).

Relativamente à tradução em si, Reiß e Vermeer (p. 85) consideram-na como a continuação de um comportamento que começa com a criação do TP e cuja finalidade é passar uma mensagem, com sucesso, a alguém em específico. Para que a tradução seja bem-sucedida, o tradutor deve ter em conta quem será o leitor final, como é referido por Nida e Taber (apud Reiß & Vermeer, 2014:86) e deve ir adaptando o comportamento tradutivo à medida que avança no texto ou inicia

⁶ A palavra *skopos* é sinónimo de “função” ou “objetivo”. A *Skopostheorie*, criada por Hans Vermeer e Katherina Reiß, atribui uma justificação às decisões tradutivas através de um modelo sociológico-comportamental. Reiß e Vermeer defendem que a decisão tradutiva é um momento da tradução que requer um comportamento específico e premeditado, de modo a chegar a um determinado fim (Reiß & Vermeer, [1984] 2014:85-86).

uma nova tradução. Como ajuda à compreensão desta teoria, Reiß e Vermeer comparam a ação tradutiva a um jogo com regras e comportamentos premeditados (p. 87). Todos os jogos têm regras e têm um objetivo: ganhar. Se o jogador for o tradutor e as regras do jogo equivalerem às regras de tradução, é possível chegar ainda à conclusão de que: “Norms are culture-specific” (p. 87). Neste jogo que é a tradução, o tradutor tem de observar as normas e convenções culturais de um determinado tipo de texto, para conseguir ir ao encontro das expectativas do leitor. Para que a tradução seja bem-sucedida, o tradutor tem de fazer com que ela seja o resultado de um conjunto de comportamentos aceites e compreendidos por si e pelo leitor (pp. 30 e 89). De certa forma, o tradutor terá de se evadir da sua condição de profissional, incorporando o leitor de modo a prever as suas expectativas.

Christiane Nord (2018) também apresenta uma teoria relacionada com a “função” e/ou o “objetivo” do texto, mas numa perspetiva algo diferente da *Skopostheorie*. Isto é, Nord propõe uma reflexão sobre a ação tradutiva, referindo-a como uma atividade que pode ser desenvolvida com base em três funções ou objetivos. Os objetivos são o profissional (como forma de sustento do tradutor), o comunicativo e instrutivo (do ponto de vista do leitor) e, finalmente, o do método de tradução, que pode preservar mais ou menos o texto de partida (Nord, 2018:27). É importante referir ainda que a reflexão que consta na teoria de Nord é orientada para a função do texto de chegada e da sua relação com o leitor, adotando assim uma perspetiva pragmática e sociológica (2018:22). A autora compara a tradução a uma ação comunicativa; portanto, defende que, para tal, devem ser sempre consideradas duas partes intervenientes (o emissor e o recetor) e os sinais verbais e não verbais incluídos nessa ação. Esses sinais podem não ter o mesmo significado para o emissor e para o recetor, ou neste caso, para a cultura de partida e para a de chegada (p. 22). Nesse caso, Nord especifica que “In order to obtain the intended goal [of communication], the producer and the receiver must have some kind of agreement about the meaning of the sign” (Nord, 2018:22). Portanto, se a tradução for vista como uma ação comunicativa, o tradutor deve: i) considerar-se um emissor (para além de ser também a ponte entre o emissor do TP e o recetor do TCh); ii) perceber qual a função do TP (percetível através dos referidos sinais); iii) perceber como é que os sinais do TP se podem tornar perceptíveis ao leitor da cultura de chegada e iv) transferir esses sinais para o texto de chegada. Quanto à função ou objetivo do texto traduzido, a autora propõe a distinção entre quatro tipos de funções textuais que ajudam o tradutor a identificar *a priori* as funções presentes nos textos (Nord, 2018:39-43):

- A função referencial:

Um texto que tenha esta função foca-se, genericamente, no tratamento de um referente (objeto/acontecimento/assunto/pessoa/etc.) em concreto, de modo a informar o leitor sobre esse mesmo referente. Nos textos com esta função comunicativa, a narrativa é desenvolvida à volta do referente, por isso, há certos conceitos que serão mencionados de forma implícita. Se o leitor não tiver o mesmo conhecimento que o tradutor ou o produtor do texto sobre o referente, pode dar-se o caso de não perceber o texto.

- A função expressiva:

No texto com esta função, dá-se relevância ao seu carácter expressivo, mas do ponto de vista do emissor. Mais concretamente, é dado destaque às manifestações de opinião ou de sentimentos do emissor contidos no texto. O problema presente num texto com esta função textual será eventualmente transferir, de forma perceptível, os mesmos julgamentos para a cultura de chegada. Os textos com este tipo de função poderão necessitar de adaptações, para terem uma boa receção na cultura de chegada.

- A função apelativa:

Este tipo de função é orientado para captar a sensibilidade ou disposição do recetor para agir de determinada forma, tendo como base as experiências já vividas por ele. Nord (2018:42) refere, como exemplo, que “If we want to educate a person, we may appeal to their susceptibility to ethical and moral principles”. Na ação tradutiva, o problema que pode surgir em textos com esta função é a dificuldade em encontrar pontos de relação entre o recetor do TP e o recetor do TCh. Se o ponto de relacionamento com o recetor tiver uma carga cultural forte, é possível que o texto tenha de ser mudado, de modo que se encontre um novo ponto de relacionamento. As características típicas da função apelativa são a utilização de imperativos ou perguntas retóricas. Contudo, na tradução podem ser utilizadas outras estratégias estilísticas, como os superlativos, adjetivos, nomes com valor positivo, etc. Dentro deste tipo de função, Nord distingue ainda a existência de três subtipos: a função apelativa direta, a indireta e a poética.

- A função fática:

Esta última função é utilizada para estabelecer, manter ou terminar a relação entre emissor e recetor. Esta função conta com a referência direta ao leitor e a implicação deste na transmissão da mensagem. A função fática tem diferentes realizações em cada cultura, por isso, pode ser necessário fazer um ajuste à cultura de chegada.

Como os aspetos destacados por Nord em relação às funções textuais demonstram, o recetor/utilizador do texto traduzido e as suas circunstâncias devem ser alvo de especial atenção

por parte do tradutor. Esta ideia também é defendida por Holz-Mänttari (apud Byrne, 2006:14) que diz que:

(...) there are two sets of users: the source language user and the target language user. Although both users are on the surface quite different in terms of their needs, i.e. documents in the respective languages, they share certain macro-aims, e.g. learn how to use the product. However, this may need to be achieved in different ways.

E acrescenta que apesar de tudo, tanto o redator técnico como o tradutor técnico partilham da mesma preocupação: tentar saber quem é o público-alvo e conhecer as respetivas expectativas. Em contrapartida, Robinson (2012:9) indica que é quase impossível satisfazer todos os indivíduos do público-alvo, porque mesmo dentro de um grupo específico de pessoas, existem algumas que têm expectativas diferentes para um texto. Contudo, é possível satisfazer a maioria através da adequação do texto às normas e convenções estabelecidas.

Para além da adequação ao recetor ou utilizador do texto traduzido, um outro alvo da atenção do tradutor é a satisfação do cliente e do seu pedido. Não há necessariamente coincidência entre a atenção ao leitor e ao cliente, podendo inclusive o cliente ser a causa de algumas más traduções e de resultados absurdos (Robinson, 2012:9), devido à desinformação sobre o processo e sobre os métodos de tradução, que podem levar o cliente a não transmitir ao tradutor a informação necessária sobre o objetivo do texto traduzido e o seu público-alvo. Associada à questão da satisfação do cliente e da lealdade para com este, pode surgir ainda uma outra discussão na tradução, a da proximidade ou equivalência entre TP e TCh. Schäffner (1998:7) refere que o termo equivalência é pouco apreciado por alguns académicos da tradução, porque não descreve de forma adequada o trabalho e as decisões implicadas na tradução. Robinson acredita que este tema de equivalência surge, em parte, por causa da ideia preconcebida de alguns indivíduos de que o principal objetivo da tradução é verter o texto palavra a palavra, sem qualquer consideração pelo contexto e outros fatores inerentes (Robinson, 2012:9). Tendo isto em conta, é possível afirmar que o grau de equivalência de um texto poderá ser criado pelo cliente e pelo objetivo com que este for utilizar o texto traduzido.

No que diz respeito à relação a estabelecer com o cliente, Pinchuk (apud Byrne, 2006:25) afirma que, para uma tradução ser boa, tem de corresponder às expectativas do cliente e Robinson (2012) diz ainda que o tradutor deve dar primazia ao profissionalismo e não à mera adequação do texto. Isto é, recorrendo ao exemplo de Robinson (2012:11):

The best synonym for the translator's reliability would not be "correctness" but "professionalism": the reliable translator in every way comports himself or herself like a professional. A client that asks for a summary and receives a "correct" or "faithful" translation will not call the translator reliable – in fact will probably not call the translator ever again. A sensitive and versatile translator will recognize when a given task requires something besides straight "accuracy" – various forms of summary or commentary or adaptation, various kinds of imaginative re-creation – and, if the client has not made these instructions explicit, will confirm this hunch before beginning work.

Ou seja, a meu ver, o tradutor deve evitar fazer o que acha estar mais correto e, em vez disso, dialogar com o cliente para perceber quais são os seus desejos para a encomenda de tradução. A satisfação do cliente passa pela confiança que ele encontra no trabalho do tradutor, como afirma Robinson:

Translation users need to be able to rely on translation. They need to be able to use the translation as a reliable basis for action, in the sense that if they take action in the belief that the translation gives them the kind of information they need about the original, that action will not fail because of the translation. (Robinson, 2012:7)

Robinson (2012:11-13) refere ainda que, para o cliente, um bom tradutor é aquele é capaz de cumprir os pedidos feitos na encomenda de tradução. Os pontos mais importantes para se ser classificado como bom tradutor são: cumprir as datas de entrega, avisando o cliente com antecedência, caso não seja possível cumprir alguma data, e satisfazer os desejos e/ ou as expectativas do cliente e do leitor, como já mencionado. Contudo, Robinson enumera ainda alguns outros pontos que contribuem para esta classificação:

- 1) Concretização dos pedidos do cliente de forma profissional (e confidencial), coerente e meticulosa;
- 2) Realização de pesquisa competente sobre a área do texto, não evitando problemas de tradução;
- 3) Cumprimento das exigências do cliente;
- 4) Capacidade de levar o texto e respetivas dúvidas a um especialista da área;
- 5) Capacidade de trabalhar fora da zona de conforto, em áreas às quais não está habituado/a, ou capacidade de recusar um trabalho que sabe que não vai conseguir realizar;
- 6) Capacidade de ser simpático e de ajudar o cliente;

7) Possibilidade de ter software e hardware atualizado para concretizar os trabalhos.

Portanto, de modo a que o tradutor consiga chegar a uma tradução que satisfaz tanto o cliente como o leitor do texto, Nord apresenta um modelo de encomenda de tradução que ajuda o tradutor a chegar a este ponto. Este modelo deverá ser apresentado ao tradutor ainda durante a sua formação e posteriormente facultado ao cliente, para que o tradutor possa ter as informações necessárias para fazer as melhores escolhas de tradução. Nord (2018:57) indica, desta forma, cinco pontos que devem ser incluídos na encomenda (de forma explícita ou implícita):

- *the (intended) text function(s),*
- *the target-text addressee(s),*
- *the (prospective) time and place of text reception,*
- *the medium over which the text will be transmitted, and*
- *the motive for the production or reception of the text.*

Este modelo, proporcionado pela teoria funcionalista de Nord, é uma ferramenta que se tornou fundamental para a concretização da ação tradutiva, porque fornece às duas partes da encomenda, o tradutor e o cliente, os meios necessários para chegar a uma boa tradução. Atualmente, este modelo é utilizado em contexto académico da tradução de modo a fornecer, à partida, ao futuro tradutor um método de análise textual que o ajuda a concluir as encomendas que lhe irão ser futuramente fornecidas. A utilização do modelo da teoria funcionalista proporciona assim ao tradutor as informações necessárias implícitas no texto ou que virão a ser fornecidas pelo cliente.

Em suma, pode-se concluir que a relação do tradutor com o cliente e com o leitor são muito importantes para a tomada de decisões durante a ação tradutiva. A relação com o cliente está mais ligada a pontos profissionais, como o cumprimento da encomenda e respetivos prazos, a comunicação interpessoal e a prestação de serviços. Por outro lado, a relação com o leitor, apesar de geralmente não implicar contacto direto, reflete-se mais nas expectativas que o leitor coloca no TCh, relativamente à forma como deve estar estruturado e ao tipo de vocabulário que deve conter. Embora a relação com o cliente e com o leitor sejam aspetos muito práticos, eles estão estreitamente relacionados com as reflexões teóricas apresentadas no início desta secção, a teoria

do *skopos*, de Reiß e Vermeer, e a Teoria Funcionalista, de Christiane Nord, que estão na base de ferramentas úteis para a reflexão e ação do tradutor neste domínio.

2.4. Terminologia e problemas de tradução na tradução técnica

No âmbito deste trabalho, torna-se indispensável abordar a importância da terminologia na tradução técnica. Segundo Aixelá (2004:31), a terminologia é uma disciplina que ganhou, recentemente, mais visibilidade, porque passou a ser considerada como um ramo da linguística. A necessidade de estudar o ramo da terminologia com maior intensidade surgiu com o desenvolvimento de investigação no âmbito da linguagem especializada (LSP, language for special purposes). Aixelá esclarece que o estudo de ambas as áreas “(...) has brought about a new awareness of the complexity and structure of this type of texts [technical] and their translations” (p. 31).

A LSP e os textos que a ela recorrem apresentam algumas características típicas que os tornam de fácil compreensão e com vocabulário claro e direto. É possível identificar este tipo de linguagem através da utilização de construções como a passiva, as nominalizações, os modos infinitivo e imperativo, a utilização de tema-rema, que facilitam a compreensão de um texto especializado pelo leitor. Para clarificar o caráter e o propósito das LSP, Gerzymisch-Arbogast (2008:28) refere que:

Selecting LSP-specific syntactic devices is largely motivated by the objective of facilitating communication by being particularly precise, economical and ‘objective’, i.e. neutral in expression.

Quanto à terminologia, para além de ser uma disciplina, é uma ferramenta utilizada diariamente por grande parte dos tradutores e é muito importante para o controlo de qualidade de uma tradução, nomeadamente em termos de coerência de vocabulário e também científica. Como refere Ortega y Gasset (apud Aixelá, 2004:30), a terminologia é o fator que permite a um texto técnico ter um tipo de linguagem mais ou menos fixo e controlado (Kingscott, 2002:251). Apesar de tudo, e mesmo tendo um caráter relativamente fixo, a terminologia também pode ser a causa de alguns problemas de tradução. Mesmo sendo óbvio, é preciso recordar que o vocabulário que compõe a terminologia é inseparável da sua carga cultural, ou seja, mesmo que haja um consenso sobre determinados conceitos, os termos podem provocar problemas durante a tradução, porque cada terminologia é afetada pela cultura em que está inserida (Montgomery, 2000:253). Scott Montgomery (2000:255) refere que é praticamente impossível não haver desvios subtis de

significado, quando se traduzem textos técnicos ou científicos. O autor explica que os problemas associados à terminologia estão diretamente relacionados com o mito da existência de uma língua científica universal (Montgomery, 2000:253). A utilização do inglês, como a língua que é mais vezes utilizada para a propagação do conhecimento técnico e científico, cria uma ideia errada sobre a forma como o discurso científico, e técnico, pode ser transmitido entre culturas. Existem alguns problemas provocados pela existência deste mito (ou seja, o inglês como língua franca da ciência). Em primeiro lugar, o inglês não é uma língua universal, como seria o esperanto, por isso, há ainda algumas reflexões técnico-científicas, em várias áreas que não são divulgadas em inglês. Como refere Montgomery (2000:257):

[N]ot all technical fields have favored English equally, whether as a foreign or a second language. Several studies have indicated that international scientific publications tend to favor English in physics, biology, and engineering especially (roughly 80 percent and higher, as measured by major abstracting and bibliographic services), while chemistry and mathematics lag somewhat behind, being often written in the local language (average 55 percent-Michel 1982; Swales 1985). Nations such as Germany, France, Russia, and Japan retain an acknowledged lead in certain fields, and researchers in those fields continue to publish in their respective native tongues.

Em segundo lugar, o inglês, assim como todas as línguas, é uma língua natural e viva que vai naturalmente absorvendo expressões e construções gramaticais de outras línguas. Mais uma vez, Montgomery (2000:257) refere que:

[O]ne finds that the grammatical, syntactical, and lexical norms for using English in scientific writing do in fact vary significantly from one LFE [localized form of English] to the next, and this shows up in journal and book publications. Comparing papers or abstracts that have appeared in journals published in China, Malaysia, and India, for example, will show that one is not dealing with a standardized scientific discourse at all, but instead with something approaching a series of technical dialects, whose contents are adapted in overt and subtle ways to the conventions of each particular linguistic community.

Graças à aprendizagem adquirida em estágio, foi-me possível perceber que, também no contexto da tradução técnica, se registam mais documentos em inglês do que noutras línguas. Estes dados são apresentados mais à frente na secção “3.1. Descrição do corpus e apresentação do objetivo da

investigação”, sendo uma prova de que hoje em dia há várias empresas que optam por utilizar o inglês como língua disseminadora de documentos técnicos. Pessoalmente, diria que a maior desvantagem de utilizar o inglês como língua disseminadora de conhecimento é a inacessibilidade de alguns documentos aos demais que não sabem inglês. A inexistência de uma versão traduzida de certos documentos técnicos (mais do que os científicos, porque estão direcionados para um público mais variado) pode provocar a desinformação e a ignorância sobre determinados temas, para além da desvalorização de cada língua vernácula. A não tradução de alguns conceitos pode prejudicar a tradução de outros textos, já que a atividade tradutiva é um processo multidisciplinar, como refere Kingscott (2002:255).

2.5. Normas e convenções tradutivas

Por último, e não menos importante, é necessário pensar também na tradução como uma atividade que está regulamentada e que segue determinadas normas e/ou convenções que estabelecem os critérios para o processo tradutivo.

Antes de perceber como é que as normas de tradução são criadas e aplicadas, é preciso considerá-las como construções primeiramente sociais. Christina Schäffner refere que:

Norms are developed in the process of socialisation. They are conventional, they are shared by members of a community, i.e. they function intersubjectively as models for behaviour, and they also regulate expectations concerning both the behaviour itself and the products of this behaviour.” (Schäffner, 1998:2)

E ainda que:

Norms function in a community as standards or models of correct or appropriate behaviour and of correct or appropriate behavioural products.” (Schäffner, 1998:5)

Portanto, é possível concluir já *a priori* que i) as normas são construções sociais que ditam qual o comportamento correto que cada indivíduo deve ter, perante cada contexto social e ii) a tradução é um evento social, porque envolve a adaptação de um texto extraído de uma cultura para outra, através de um processo cognitivo (Toury, 1998:19).

Para uma primeira fase de definição, tenha-se em conta Renate Bartsch (apud Schäffner, 1998:2), que refere que as normas são “the social reality of correctness”. A partir deste ponto, a autora apresenta o conceito de convenção e o de norma, que estão inteiramente ligados. Segundo

a autora, as convenções são estabelecidas, numa comunidade, a partir da repetição de determinados comportamentos. Já as normas são criadas para a partir das convenções cristalizadas numa comunidade, sendo indicações de comportamento. Esta ideia é corroborada por Gideon Toury (1998:14) que acrescenta que as normas e as convenções só existem porque existe a socialização, ou seja, são criadas aquando da criação de uma nova comunidade e/ou para a manutenção e gestão da mesma. Mais concretamente, as convenções surgem com a criação de uma comunidade e as normas ajudam a guiar novos membros nessa comunidade; portanto assumem um papel prescritivo dos comportamentos. Estes autores defendem, assim, que a interação interpessoal permite aos membros da comunidade negociar quais são os comportamentos corretos e os errados a ter dentro da mesma comunidade. É necessário ter em conta que as convenções e as normas não são mandamentos escritos; são elementos do diálogo e do comportamento, por isso, têm a facilidade de ser renegociados a qualquer momento, como refere Toury (1998:15). Chesterman diz que “Norms thus stand midway between judicial laws and conventions.” (2016:53).

O mesmo se aplica à tradução. Schäffner adiciona que as normas tradutivas são aplicadas a momentos específicos, mais concretamente, a um contexto e tempo particulares (1998:6). Outro ponto pertinente sobre as normas é as suas vantagens. Por descreverem e prescreverem comportamentos, as normas facilitam a previsibilidade dos comportamentos, a evolução da espécie e das relações e a compreensão entre todos (Chesterman, 2016:53; Toury, 1998:15). A aquisição das normas de tradução é feita ainda durante a formação do tradutor; contudo, Toury (1998:27) explica que aquilo que os tradutores em aprendizagem adquirem, poderão não ser normas reais, mas sim uma perspetiva daquilo que é bem aceite no contexto da cultura da língua de chegada com que trabalham.

Na tradução, a ideia de normas começou a surgir na década de 1950 com a criação da disciplina dos Estudos da Tradução, como explica Schäffner (1998:2-3), que defende que as normas são sempre referentes a um par de línguas (portanto, normas linguísticas) e que antes de serem normas, eram ocorrências frequentes entre dois sistemas que poderiam levantar problemas (uma reflexão conseguida através da comparação dos problemas de tradução entre dois sistemas). Contudo, esta categorização de padrões não se revelou eficaz e adequada, por isso, os linguistas e académicos viraram-se para as particularidades textuais, criando outra disciplina, chamada “Linguística Textual”, na década de 70. Esta disciplina deixou de olhar para a palavra como a unidade da tradução e passou a olhar para textos, e respetivos géneros, registando a partir deles os padrões que viriam a dar origem a algumas normas (Schäffner, 1998:4). Schäffner esclarece, no

entanto, que na Linguística Textual existe a noção de que os géneros textuais podem ter alguns elementos que não são fixos e que podem mudar ao longo do tempo, assim como as normas.

Adicionalmente, Toury (1998:23) explica que a criação das normas da tradução implica um processo de observação a nichos da tradução, como por exemplo géneros textuais ou métodos de tradução, já que a observação de corpus genérico torna o processo muito mais difícil, e isso deve-se ao facto de a tradução ser uma atividade que envolve uma grande quantidade de processos cognitivos diferentes. O autor (apud Schäffner, 1998:6) refere ainda que as normas, na tradução, são úteis para a descrição de géneros textuais com comportamentos fixos e que contêm valores e ideias específicos de uma comunidade. Desta forma, apresenta três tipos de normas de tradução: i) as normas preliminares (decidem o tipo e estratégia de tradução); ii) as normas iniciais (ajudam o tradutor a decidir se deve focar a tradução na CP ou na CCh); iii) as normas operacionais (decisões tomadas durante a tradução). Para além desta subdivisão das normas, apresentada por Toury, existem várias outras subdivisões que dizem respeito a outras particularidades da tradução. Por exemplo, Schäffner (1998:3) apresenta as normas linguísticas que expressam as possibilidades da língua, Chesterman (2016:17) adota uma visão mais ligada ao leitor, com as *expectancy norms* e as *professional norms*, e Renate Bartsch (apud Chesterman, 2016:53 e 55), por outro lado, expõe normas relacionadas com o processo de criação do produto e com os requisitos do produto que é, neste caso, a tradução. É importante referir ainda que as normas de tradução não se resumem apenas ao contexto cultural de uma língua, mas sim das duas línguas de trabalho. Schäffner (1998:4) recorda que todas as línguas têm as suas normas específicas, vinculadas à cultura, e Pym (apud Chesterman, 2016:57) recorda que “Translation norms thus do not exist exclusively in the target culture: some may have their origin in the source culture, and some in the intercultural state inhabited by the translator”.

Esta variabilidade mostra a complexidade do conjunto de normas relevantes no campo da tradução e a importância de, além das normas, continuar a existir a regra de ouro que é o julgamento e o livre-arbítrio do tradutor, que deve ser capaz de, em cada situação, analisar o texto e decidir quais são os melhores métodos de tradução (Toury, 1998: 20). No entanto, e embora, segundo Chestermann (2016: 50), o trabalho da teoria da tradução seja mais de descrição do conjunto de normas e não de aplicação da sua vertente prescritiva, é necessário ter em conta que todas as ações regulamentadas podem vir a ser sancionadas. Mais concretamente, na tradução há a possibilidade de acontecerem sanções no caso de as normas não serem cumpridas. Obviamente que estas sanções não estão ao nível de uma sanção judicial; contudo, estão ao nível da rejeição de um texto pela comunidade, como refere Schäffner (1998:3), ou da incompreensão, segundo

Chesterman (2016:56). Toury (1998:22) refere ainda que uma má tradução é aquela que é rejeitada pelo leitor, porque este não conseguiu perceber o texto ou percebeu que tinha equívocos, por exemplo.

III. MANUAIS DE INSTRUÇÕES

Como textos técnicos, os manuais de instruções enquadram-se nas reflexões teóricas apresentadas no capítulo anterior. O objetivo do capítulo que agora se inicia é analisar manuais de instruções escritos em línguas diferentes (neste caso concreto, entre o inglês e o alemão) e as diferenças entre eles, verificando até que ponto este género textual também está sujeito a seguir as normas culturais de cada língua para a sua criação.

Nas secções seguintes é apresentada uma análise comparativa entre manuais de instruções em inglês e em alemão, de forma a perceber se há ou não diferenças substanciais entre os manuais nas duas línguas e quais os motivos para a existência dessas diferenças. O trabalho baseia-se na observação de textos recolhidos em contexto de estágio. A análise contida nesta parte do documento, inicia-se na descrição do corpus e apresentação do respetivo objetivo da investigação. Posto isto, a investigação irá iniciar-se com uma reflexão sobre a situação comunicativa dos manuais de instruções, seguindo para a apresentação de convergências e divergências em pontos dos manuais, como os títulos, a sua estrutura, a referência ao emissor e ao recetor, a utilização de algumas estruturas típicas e a utilização de símbolos e palavras de aviso e de marcadores de cortesia.

3.1. Descrição do corpus e apresentação do objetivo da investigação

Os textos escolhidos para a concretização desta análise são documentos com que trabalhei durante o estágio, os quais traduzi integralmente ou apenas parcialmente. Os documentos foram fornecidos pelos clientes com o objetivo de servirem como documentos originais, nos quais o tradutor se tinha de basear para a tradução, ou como texto paralelo, ou seja, para ajudar o tradutor a encontrar semelhanças entre os textos. Por questões de confidencialidade, nenhuma marca será mencionada na análise, sendo apenas apresentadas algumas frases e exemplos.

O corpus tem um total de 32 textos em inglês e 18 textos em alemão. Contudo, é importante referir que existem alguns casos em que o texto não é escrito originalmente em inglês, mas sim na língua do país de origem da empresa e posteriormente traduzidos para inglês. Desta forma, o inglês serve de relé para as línguas restantes. Apesar de este método poder vir a ser monetariamente

benéfico para as empresas, também pode provocar alguns equívocos nas traduções subsequentes, se a tradução para inglês contiver erros frásicos. As frases seguintes são exemplos retirados de textos com vários erros de inglês:

(1) *WE WOULD LIKE TO THANKS YOUR FOR CHOOSING [NOME DA EMPRESA]⁷, WE WISH THE PRODUCT PERFORMS TO YOUR SATISFACTION AND PLEASURE.*

(2) *Do not dispose of this product in the bin, instead going to the electrical and electronic waste collection center closest to your home.*

(3) *The machine will emit nasty smell⁸ if the filter is dusty, so in this situation, please clean or replace the filter.*

(4) *If the burning smell emits from the machine, please unplug the power socket and contact with buyer or customer service.*

Para além disto, é relevante mencionar que não haverá uma distinção entre inglês britânico e inglês americano, tendo em conta que a análise não se debruça sobre as diferenças entre estas duas variantes. Apesar de não ter confirmação, atrevo-me a dizer que os manuais em alemão são todos originalmente escritos nessa mesma língua, porque foram publicados e facultados por empresas alemãs. É importante referir ainda que originalmente existia uma lacuna no corpus, em relação à comparação de manuais para um público menos especializado entre as duas línguas. Apesar de existir uma grande variedade de produtos, em todo o corpus não havia produtos de utilização diária e pouco especializada em alemão. Perante esse problema, optei por recorrer aos *websites* de três empresas alemãs de eletrodomésticos, retirando um manual de instruções, em alemão, de cada um, para poder ter algum termo de comparação com os manuais da mesma área, mas em inglês. Apesar de serem manuais já publicados, as suas marcas também não serão mencionadas, sendo o processo igual para todos os manuais.

Também é importante referir que no corpus existem alguns manuais que não estão completos ou que não foram facultados num documento final, mas sim em rascunho. A maioria dos documentos foram facultados em PDF e na sua versão final; contudo, há alguns casos de manuais em PDF ou em Word que são apenas uma parte do documento final ou que não estão na formatação final. Este fator impediu a análise de alguns fatores externos, como o título, os símbolos de aviso e/ou advertência, entre outros.

⁷ O nome da empresa não é mencionado por questões de confidencialidade.

⁸ Neste exemplo, não existem erros gramaticais, morfológicos ou ortográficos, mas sim de registo. A palavra “*nasty*” deverá ser usada em contextos preferencialmente mais informais do que este.

Para facilitar a análise, os manuais foram inicialmente divididos por língua (alemão e inglês), depois por título (se tinham um título autoexplicativo ou se tinham apenas um título com o nome ou referência do produto)⁹ e finalmente em área de especialização (indústria pesada, *automotive*, medicina, indústria informática, etc.). A análise ao conteúdo dos documentos foi feita através de uma distinção entre fatores internos e fatores externos, baseando-me, de certa forma, em alguns pontos da proposta de análise funcionalista de Christiane Nord (2018). Os fatores externos analisados foram a existência de índice e a quantidade de secções, o tipo de paginação, os códigos de cores e/ou formatação dos títulos de cada secção, a existência de palavras de aviso/advertência e a utilização de códigos de cores e/ou formatação para a sua distinção e, ainda, a existência de imagens e tabelas e respetivas funções. Já os fatores internos analisados foram a referência ao recetor e ao emissor do manual, aos quais chamo de “leitor” e “empresa”, respetivamente, o estilo de escrita e alguns elementos a ele inerentes, como as suposições relativas ao leitor, o distanciamento, a densidade textual, o tom, a complexidade frásica, a utilização de adjetivos e a ocorrência de frases condicionais e a utilização da passiva, de nominalizações, do imperativo e do infinitivo.

A estrutura da análise que apresento segue a proposta de Clara Alonso (2016:34-37), que, na sua tese de licenciatura, compara manuais de instruções em inglês e espanhol de quatro marcas de máquinas de lavar. A estrutura da autora avalia a situação comunicativa, o tipo e função do discurso, a estrutura do discurso, o redator dos manuais de instruções e o grau de especialização dos manuais. Cada um destes pontos será abordado nesta investigação, bem como a análise previamente feita ao corpus. Os resultados da investigação irão apresentar as diferenças entre os manuais de instruções em alemão e em inglês, sendo cruzados com informação obtida na literatura referente a investigações semelhantes. Em certos casos, será feita uma reflexão sobre quais as implicações dessas diferenças na tradução para português.

3.1.1. Situação comunicativa dos manuais de instruções

Os manuais de instruções têm uma situação comunicativa muito específica e clara. São documentos que transmitem informações escritas sobre um produto (que é o referente) apresentam uma linguagem previamente estruturada para atingir um determinado público-alvo, são concebidos para leituras e consultas pontuais e rápidas, apresentam geralmente uma estrutura padrão, podendo vir a ser altamente influenciados pela cultura em que estão inseridos. É relevante considerar que é o público-alvo que decide se o manual corresponde às suas expectativas para um documento deste

⁹ A análise dos títulos é baseada na proposta de classificação de títulos de Horn-Helf (2007).

tipo. Como já referido na secção “2.5. Normas e convenções tradutivas”, por Toury (1998:19), também os manuais poderão vir a necessitar de um ajuste, para poderem ser validados pelo público da cultura de chegada. Alonso (2016:35) afirma que:

Los manuales de instrucciones se engloban dentro de los discursos escritos, redactados teniendo en cuenta la gramática de cada lengua; además, no es un discurso escrito para ser leído en voz alta. Su función principal es informativa (o referencial), es decir, su finalidad principal es que los usuarios entiendan el manejo.

Portanto, a grande finalidade deste tipo de textos é informar um recetor sobre determinado produto, levando-o a adotar um certo comportamento que promove o bom funcionamento do produto. Os manuais têm uma função informativa (também chamada de referencial) e, por isso, devem apresentar a informação de forma concisa e direta, adotando o esquema de tema e rema para dar continuidade à lógica inerente ao texto. Para além de serem direcionados para o plano da escrita, estes documentos também se destinam a ser consultados tantas vezes quanto necessário e daí terem uma estrutura tão demarcada. Tendo em conta que são documentos que não serão sempre lidos do início ao fim, mas sim por partes, convém que o recetor receba uma ferramenta que o ajude a consultar as secções pretendidas, sem ter de ler todo o documento outra vez.

Para além de todas estas características, os manuais de instruções são escritos em função de um produto e de um público-alvo. Os produtos contidos nestes documentos estão associados a diversas áreas do conhecimento, por isso, pode imaginar-se que, dependendo da área, o produto poderá necessitar de um utilizador mais ou menos especializado para o manusear. O corpus em análise também é bastante variado, em termos de produtos, e, por isso, apresenta diversos graus de especialização.

Na tabela 1 é possível observar a distribuição do total de manuais de instruções nas duas línguas pelas áreas de especialização registadas.

Tabela 1 - Áreas de especialização e respetiva ocorrência no corpus

Áreas de especialização	Inglês	Alemão
Eletrodomésticos	15	3
Indústria pesada	5	14
Medicina	6	0
<i>Automotive</i>	3	0
Indústria informática	3	0
Mobilidade reduzida	0	1
TOTAL	32	18

A área apresentada como “eletrodomésticos” é das áreas que requer menos especialização, por parte do recetor do texto. O documento é escrito de forma que não se faça quase nenhuma suposição acerca do recetor, porque estes produtos abrangem um público-alvo muito vasto. Na tabela apresentada, as áreas que requerem um mínimo de especialização serão a “*automotive*” e a “mobilidade”. A “*automotive*” refere-se à utilização e manutenção de veículos, o que quer dizer que o leitor tem de, pelo menos, saber conduzir e ter algumas noções básicas de mecânica. A “mobilidade” refere-se a aparelhos de ajuda a pessoas com mobilidade reduzida, como por exemplo, cadeiras de rodas elétricas, andarilhos ou outros sistemas de apoio à mobilidade. Neste caso, o recetor do texto (seja ele o beneficiário do aparelho ou um profissional de saúde) tem de estar familiarizado com a utilização destes aparelhos e respetiva terminologia. As outras áreas referidas (indústria pesada, medicina e indústria informática) são relativas a produtos utilizados por técnicos, como profissionais de saúde, informáticos e operários industriais. O manuseamento destes produtos requer uma formação na área de especialização de forma a saber trabalhar com o objeto cuidadosamente.

Após a observação dos dados existentes, é possível afirmar que a especialização requerida para o manuseamento de um produto pode afetar a forma como o manual é escrito e até como é dirigida a palavra ao público-alvo, sendo que também ele pode ser mais ou menos especializado. No caso dos manuais de instruções, a forma de tratamento do recetor do texto poderá nunca ser tão informal como em algumas situações comunicativas do Marketing, em que se trata o recetor por “tu”, porém poderão apresentar uma forma de tratamento do recetor mais ou menos direta, como se verá na secção “3.1.4. A referência ao emissor e recetor dos manuais de instruções”.

3.1.2. Tipos de títulos

O grau de especialização dos manuais traz outro tema para a discussão: o tema dos títulos. Tendo em conta que o estilo de escrita de um manual de instruções pode ser influenciado pelo produto e pelo público-alvo, então também a escolha do título do documento poderá vir a ser influenciada por estes fatores. Os títulos são, definitivamente, um dos pontos interessantes dos manuais, porque conseguem, por si só, revelar bastante informação sobre o caráter do documento que acompanham. Karl Hempel (2006:236) refere que os manuais de instruções podem ter várias classificações, dependendo do propósito do documento ou do produto que é apresentado. Em relação ao propósito do documento, o autor faz a divisão entre a classificação “Anleitung” [no caso do português, equivaleria a “manual de instruções”] e a classificação “Anweisung” [por sua vez, equivaleria a “instruções de utilização”], baseando-se, respetivamente, no caráter mais instrutivo ou mais diretivo do manual. Já em relação ao produto apresentado, Hempel especifica que os manuais, no caso do alemão, podem apresentar títulos como “(...) Gebrauchs-, Benutzer-, Bedienungs- usw. -Anweisungen, -Anleitungen und -Handbüchern” (cf. p. 236). Em português, estes títulos poderiam corresponder a títulos como, “instruções de utilização”, “manual de instruções”, “manual do utilizador”, “guia do utilizador”, etc. No corpus também se registaram algumas diferenças entre os títulos, que estão diretamente associadas ao produto e ao público-alvo. Veja-se os exemplos seguintes retirados do corpus:

EN

- (5) *User Manual*
- (6) *Owner's manual*
- (7) *Operating instruction*
- (8) *Installation guide*
- (9) *Workshop manual*
- (10) *Instructions for cleaning procedure*
- (11) *Quick user manual*
- (12) *User guide*

DE

- (13) *Betriebsanleitung*

(14) *Montageanleitung*

(15) *Servicehandbuch*

(16) *Gebrauchs- und Montageanleitung*

(17) *Gebrauchsanweisung*

Para perceber melhor a influência do produto e do público-alvo na escolha do título do documento, veja-se uma outra classificação que corrobora a existência de especificação dos títulos. Brigitte Horn-Helf (2007:73-75) propõe uma classificação para os títulos, que se baseia nos seus elementos. A autora sugere que os títulos se dividam em “fokussierte Deklaration” [declaração focalizada], “integrative Deklaration” [declaração integradora], “abstrahierende Deklaration” [declaração abstrativa] e “undeklariert” [sem declaração]. As “fokussierte Deklarationen” são títulos que explicam exatamente aquilo que o manual irá descrever, como é o caso dos exemplos (7), (8), (9), (10), (13), (14), (15) e (17), que poderiam ser traduzidos para português como “Instruções de utilização” ((7) e (17)), “Guia de instalação ((8))”, “Manual de manutenção” ((9)), “Instruções de limpeza” ((10)), “Instruções de funcionamento” ((13)), “Instruções de montagem” ((14)) e “Guia de manutenção” ((15)). Estes títulos focam-se no elemento mais importante do manual, o elemento que define a lógica do texto, realçando-o como declaração principal. As “integrative Deklarationen” são caracterizadas por terem mais de dois elementos que descrevem o manual, como é o caso do exemplo (16), que poderia vir a ser traduzido como “Instruções de utilização e montagem”. Já as “abstrahierende Deklarationen” são títulos mais genéricos que não se focam em nenhum dos elementos do texto. Estas declarações são semelhantes aos exemplos (5), (6), (11) e (12) que poderiam ser traduzidos para “Manual/guia do utilizador” ((5) e (12), respetivamente), “Manual do proprietário” ((6)) e “Guia de consulta rápida” ((11)). Segundo Horn-Helf (2007:74) este tipo de títulos é muito comum em textos instrucionais em inglês. Por último, a autora apresenta os títulos “undeklariert” que são formados apenas pelo nome do produto. Na tabela 2 é possível observar a distribuição de mais alguns exemplos, segundo o tipo de classificação de Horn-Helf, e na tabela 3 é possível observar a distribuição total dos títulos registados em ambas as línguas, também segundo a mesma classificação.

Tabela 2 - Exemplos de títulos registados no corpus

Inglês	Alemão
Fokussierte Deklarationen	
Operating Instructions/Manual	Betriebsanleitung
Installation Manual	Montageanleitung
Installation Guide	Servicehandbuch
Indications/Instructions for Use	Gebrauchsanweisung
Instructions for Cleaning Procedure	
Usage information	
Integrative Deklarationen	
-	Gebrauchs- und Montageanleitung
Abstrahierende Deklarationen	
User Manual/Guide	-
Owner's Manual	
Workshop Manual	
Reference Guide	
E-manual	
Undeklariert	
Package Insert for Cystatin C	Austausch Antriebsmotor
Immunoassay	Austausch Deichselkopf-Unterteil
Opening of DURATION Stabilized	Lithium-Ionen Batterie - Austausch eines
UHMWPE sterile packages	Stacks
	Stützrollen des Fahrerplatzes

Tabela 3 - Tipos de títulos e respetiva ocorrência em cada língua

Tipos de títulos	Inglês	Alemão
fokussierte Deklaration	12	10
integrative Deklaration	0	1
abstrahierende Deklaration	13	0
undeklariert	4	6
sem título/textos incompletos	4	1
TOTAL	32	18

No corpus em análise é possível confirmar a teoria de Horn-Helf, em relação aos títulos que são “abstrahierende Deklarationen” e aos que são “undeklariert”. De facto, as “abstrahierende

Deklarationen” são mais comuns em inglês, quer em textos mais especializados, quer em menos especializados. Em comparação com o alemão, é possível perceber que os textos instrucionais escritos nesta língua recebem mais vezes títulos focalizados e que os títulos integradores poderão ser mais aplicados a manuais de eletrodomésticos. A opção dos textos em alemão por títulos mais diretos e específicos poderá ser influenciada por três fatores: i) pelo guia de estilo fornecido ao produtor do texto; ii) pela intenção de atribuir um título claro e focalizado ao documento e; iii) por uma questão cultural, considerando que o público-alvo poderá ser mais cativado por documentos com um título “fokussiert” ou “integrativ”. Adicionalmente, é possível confirmar que os títulos “undeklariert” ocorrem apenas em textos muito especializados.

Depois de analisar o corpus com a perspectiva destas duas propostas de classificação, é possível perceber que o título do manual está inteiramente relacionado com o propósito do manual. Por exemplo, nos casos em que o documento tem um título como “Servicehandbuch” ou “Quick user guide”, a sua dimensão é consideravelmente mais pequena do que em manuais com um título como “User Manual” ou “Betriebsanleitung”. O primeiro tipo de documento tem informações muito mais concisas e comprimidas, enquanto o segundo tipo tem mais informações, mais dados numéricos, mais descrições de processos, etc. Adicionalmente, os manuais em inglês têm tendência a receber títulos mais abstrativos, que não especificam o tema do documento, enquanto os manuais de instruções em alemão têm tendência a receber títulos que descrevam o processo mais relevante do manual, em vez de recorrer à menção do óbvio, ou seja, que o manual é do proprietário ou do utilizador. Esta manifestação de clareza nos títulos é apoiada pela possibilidade que existe no alemão de criar palavras compostas. A adoção de títulos “fokussiert” é um recurso que poderá permitir a clarificação do conteúdo do manual e do contexto onde deve ser utilizado. Prova disto é a não ocorrência de títulos “abstrahierend” nos documentos em alemão. Para além dos fatores influenciadores da escolha do título já apresentados, creio que a opção pelos títulos abstrativos pode ser uma tentativa de aproximação ao leitor. A utilização de títulos como “User/Owner’s Manual” coloca mais o foco no recetor e no desejo de o persuadir a optar por determinado comportamento. Finalmente, e apesar de todas as diferenças, não se registam variações na aplicação de títulos “undeklariert” nas duas línguas.

3.1.3. Estrutura dos manuais

Para além do título dos manuais, outra característica que pode variar nos manuais de instruções é a estrutura. Segundo Hempel (2006:237), as várias culturas tratam os atos discursivos de forma diferente, o que faz com que, posteriormente, haja mais ou menos secções em todo o

manual. O autor dá a entender que existe uma estrutura mais ou menos fixa nos manuais e que a ela podem ser adicionadas secções facultativas, dependendo das exigências culturais para um manual de instruções. Hempel refere ainda que existem inclusive algumas culturas que preferem utilizar mais imagens, em vez de texto, para fornecer informações sobre um produto ao recetor.

Após a observação dos dados do corpus, foi possível verificar que existe uma estrutura base recorrente nos manuais de instruções que apresenta os seguintes elementos (podendo ou não seguir esta ordem):

- Indicações gerais e/ou de segurança;
- Características técnicas;
- Ações de preparação da instalação e instalação;
- Montagem e desmontagem;
- Manutenção e cuidados;
- Resolução de problemas.

Estas secções de base também podem ser afetadas, em tamanho e ordem, pela especialização do produto e do recetor do documento. Por exemplo, se o recetor for um técnico e o produto for uma ferramenta médica ou uma máquina industrial, o manual poderá ser maior e ter mais secções relacionadas com a segurança e com os cuidados e poderá ter um tom mais neutro, em relação ao leitor. Por outro lado, se o manual descrever um telemóvel que irá ser utilizado por um leitor pouco especializado, poderá ter um estilo mais familiar e pressupor menos conhecimentos, por parte do leitor. Através de estratégias de tratamento direto do leitor, o tom mais familiar ajuda a implicá-lo no processo, e a existência de menos suposições permite que haja informação mais detalhada sobre o produto, de forma a evitar que o leitor o utilize incorretamente. Dependendo ainda do título e do propósito do documento, é possível que estas secções tenham uma dimensão mais curta ou mais longa. Em alguns casos, como guias ou documentos de uma só página, poderá ser possível encontrar todas ou a maioria das secções assinaladas anteriormente, mas de forma muito reduzida. No caso dos documentos maiores, é comum encontrar um índice que facilita ao leitor a consulta rápida de uma secção específica.

As secções facultativas, como referido em Hempel (2006:237), também variam e podem tratar de questões como a expressão de um agradecimento ao leitor, que assume o papel de consumidor, avisos sobre a eliminação do produto e cuidados com o meio ambiente, informações de contacto de apoio ao cliente, textos introdutórios, etc. Estas secções são incluídas consoante a

complexidade do produto e ainda consoante o estilo da empresa que produz o documento. No entanto, o mais importante num manual é seguir a estrutura típica de um documento deste tipo, de forma a que o leitor consiga reconhecer que se trata, de facto, de um manual, podendo ver nele uma forma de ajuda ao manuseamento do produto adquirido ou que tem em mãos.

Por exemplo, uma das secções facultativas que revelou dados interessantes é a introdução ao manual. Apesar de ser frequente encontrar uma pequena frase de recomendação de leitura nos manuais em inglês, não é muito comum haver um texto de introdução antes do índice, como acontece em muitos textos em alemão. Em termos de percentagem, 28% dos textos do corpus em alemão apresentam um texto introdutório com o título “Vorwort”, localizado antes do título, com várias recomendações, uma explicação do manual, entre outros pormenores; enquanto no corpus em inglês só 9% dos textos apresentam um texto introdutório, com o título “Introduction”, nos mesmos moldes que os textos em alemão. Estes dados confirmam o que é dito por Kingscott (2002:249) relativamente às diferenças entre leitores ingleses e leitores alemães no que toca às suas expectativas e às implicações que estas trazem para a tradução.

Associada à estrutura do texto, registou-se uma particularidade na paginação de alguns manuais. Em inglês, ao contrário do que acontece no alemão, existem algumas ocorrências de manuais com um tipo de paginação complexa, isto é, o número da página é formado pela letra da secção e pelo número da página. Imagine-se que existem 8 secções, numeradas com letras de A a H, cujo número das páginas reinicia a cada nova secção. O manual é então paginado da seguinte forma: B-10, ou seja, secção B e respetiva página 10. Estas ocorrências estão presentes em manuais mais especializados e maiores, para que o leitor possa identificar mais facilmente a página com o assunto que procura.

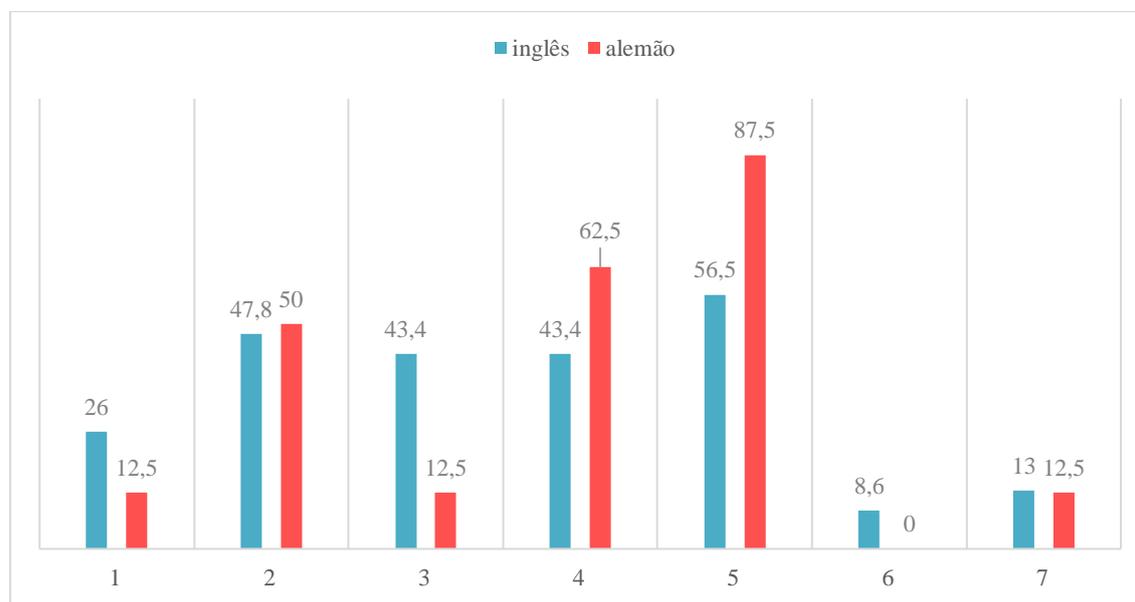
3.1.4. A referência ao emissor e recetor dos manuais de instruções

Um dos outros pontos que se revelou interessante, durante a análise dos dados, foi a referência ao emissor e ao recetor do texto. Em relação ao emissor, não é possível saber se ele é também o redator do texto; porém, a revelação da identidade por detrás dessa função não é muito relevante, para esta análise. É já sabido que os redatores técnicos podem ser funcionários da empresa que divulga os manuais ou profissionais contratados apenas para esse serviço. Sabendo que na escrita técnica é prática não atribuir um autor a um texto (por questões de distanciamento do redator), os créditos da criação são atribuídos à empresa que encomenda estes textos. Este emissor, que assume uma identidade corporativa, por vezes também tem voz nos manuais. Nos

parágrafos seguintes será analisado o propósito do surgimento dessa voz, sem nunca mencionar a identidade das empresas.

Em 23 dos 32 manuais em inglês, e em 8 dos 18 manuais em alemão, foram encontradas referências à empresa que se dirige ao leitor, quer seja através do seu nome corporativo, quer através dos pronomes “we” ou “wir”. De modo geral, nas duas línguas, a empresa é quase sempre apresentada na capa do manual através do seu logótipo; contudo, há alguns manuais que aprofundam esta identidade de empresa, comunicando de certa forma com o recetor do texto. Como já referido, há alguns motivos específicos para estas referências à empresa que são apresentados no gráfico. Os dados do gráfico foram obtidos através da observação da utilização dos pronomes “we” e “wir” e do nome da empresa ao longo do documento. Depois da análise dos 32 manuais em inglês e dos 18 em alemão, foi possível identificar sete motivos pelos quais a empresa é referida, que surgem descritos na legenda. Há documentos que apresentam mais do que um destes motivos, por isso, a percentagem de textos do corpus de cada língua, em que o motivo ocorre, revelou ser o método de apresentação mais eficaz dos dados. No gráfico, são apresentadas as percentagens das ocorrências de cada motivo para a referência à empresa.

Gráfico 1 – Motivos para a referência da empresa



Nota: Vários parâmetros podem ser repetidos no mesmo manual.

Legenda:

1. Agradecimento pela compra;
2. Disponibilização de apoio ao cliente;
3. Responsabilização por alguma situação;

4. Apresentação de outros produtos da marca;
5. Apresentação da empresa como fornecedora ou fabricante do produto;
6. Oferta de formação ao cliente;
7. Oferta de sugestões sobre o produto.

Em primeiro lugar, é possível verificar que o motivo mais comum para a referência à empresa, tanto em inglês como em alemão, é a apresentação desta como fornecedora ou fabricante do produto. Vejam-se os exemplos em inglês e alemão, respetivamente:

(18) Only solar panels supplied by [nome da empresa] can be used; other solar panels are not supported by the electrical system.

(19) Bitte haben Sie Verständnis dafür, dass wir uns Änderungen in Form, Ausstattung und Technik vorbehalten müssen.

Porém, os outros motivos já ocupam lugares diferentes no pódio das duas línguas, sendo que, em inglês, o 2º lugar vai para a disponibilização de apoio ao cliente (2), o 3º vai para a responsabilização da empresa por alguma situação (3) e para a apresentação de outros produtos da marca (4), o 4º vai para o agradecimento pela compra (1), o 5º vai para a oferta de sugestões sobre o produto (7) e o 6º lugar vai para a oferta de formação ao cliente (6). Vejam-se os exemplos seguintes que comprovam estes motivos:

- Disponibilização de apoio ao cliente;

(20) Before calling [nome da empresa] Customer Service Centre, test your product as follows

- Responsabilização da empresa por alguma situação;

(21) The manufacturer can only be held responsible for the safety, reliability, and performance of the apparatus if (...)

- Apresentação de outros produtos da marca;

(22) Replace the damaged USB cable with a new [nome da empresa]-approved one.

- Agradecimento pela compra;

(23) WE WOULD LIKE TO THANK YOU FOR CHOOSING [NOME DA EMPRESA].

- Oferta de sugestões sobre o produto;

(24) *Gasoline containing methanol is not recommended because it can cause damage to the fuel system or vehicle performance problems.*

- Oferta de formação;

(25) *Furthermore, work may only be performed by persons who have completed [nome da empresa] machine operator training course.*

Já em alemão o 2º lugar vai para a apresentação de outros produtos da marca (4), o 3º vai para a disponibilização de apoio ao cliente (2) e o 4º vai para o agradecimento pela compra (1), a responsabilização da empresa por alguma situação (3) e para a oferta de sugestões sobre o produto (7). Em alemão, não se registaram ocorrências do motivo n.º 6 (oferta de formação ao cliente), o que não significa que não seja utilizado noutros manuais, para além dos do corpus. Os exemplos a seguir ilustram os motivos apresentados:

- Apresentação de outros produtos da marca;

(26) *Es kann als [nome da empresa]-Zubehör mit Referenz **1234567**¹⁰ gekauft werden.*

- Disponibilização de apoio ao cliente;

(27) *Für technische Auskünfte steht unser Kundenservice zur Verfügung.*

- Agradecimento pela compra;

(28) *Thank you for buying a [nome da empresa] Home Appliance!¹¹*

- Responsabilização da empresa por alguma situação;

(29) *[Nome da empresa] kann nicht für Schäden verantwortlich gemacht werden, die infolge von Nichtbeachtung dieser Hinweise verursacht werden.*

- Oferta de sugestões sobre o produto;

(30) *Empfohlen bei besonders empfindlicher Haut oder in Regionen mit sehr weichem Wasser.*

O outro ponto analisado nesta secção é a referência ao leitor, que também revelou resultados interessantes. Ao analisar o estilo de escrita de cada manual, foi possível concluir que

¹⁰ Este número não corresponde à referência verdadeira do produto.

¹¹ Esta frase aparece em inglês num manual de instruções alemão. Poderá ter acontecido de propósito ou então poderá ser fruto da utilização de *templates* de manuais de instruções pelas empresas que os criam.

tanto o tom utilizado para comunicar com o leitor como a forma de dirigir a comunicação a esse indivíduo são muito diferentes, consoante a especialização do produto. Por exemplo, se o produto for uma máquina de fresa (para utilização industrial), são feitas mais suposições sobre o leitor, presumindo-se que este tenha em sua posse o equipamento e sabedoria necessários para trabalhar com a máquina, sendo, portanto, especializado na área de aplicação do produto. Adicionalmente, se o leitor for especializado, é mais comum que seja evitada a referência à sua pessoa. Nesse caso, o redator do texto opta por utilizar mais vezes a passiva, o infinitivo e recorre mais a nominalizações.

Além destas conclusões, foi possível registrar uma diferença de nomes aplicados ao leitor, que também muda consoante a sua especialização e a do texto. Segundo a análise comparativa já feita por Nicole Baumgarten (2003:21-29), também de manuais em inglês e em alemão, os manuais em inglês têm mais tendência a implicar o leitor no processo descrito no texto, através da utilização de pronomes pessoais, como é o caso de “you” e “your”, de adjetivos e expressões coloquiais que acompanham a descrição e de verbos com significados implicativos como “can”, “allow” e “need”. Por sua vez, os manuais em alemão têm alguma tendência a recorrer mais à passiva, evitando implicar o leitor diretamente. Nos manuais em alemão, é dado ao leitor um papel de beneficiário do produto e não tanto de interveniente nas ações descritas.

Na tabela seguinte, é apresentada a ocorrência de cada uma das formas de tratamento do leitor. Depois da análise dos 32 manuais em inglês e dos 18 em alemão, foi possível identificar seis palavras que referem o leitor, enquanto no alemão identificaram-se sete. A palavra extra registada foi “Anwender” que é um sinónimo de “Benutzer”. As duas palavras são, por sua vez, o equivalente alemão para “User”. Como existem manuais que utilizam mais do que uma destas palavras para se referirem ao leitor, a percentagem de textos de cada língua em que a palavra ocorre, revelou ser o método de apresentação mais eficaz dos dados. Na tabela seguinte, são apresentadas as possíveis palavras utilizadas para referir o leitor e as respetivas percentagens de ocorrências no corpus. As palavras estão alinhadas de acordo com o equivalente em cada língua.

Tabela 4 – Palavras utilizadas para referir o leitor

Inglês		Alemão	
You/your	92,3%	Sie	100%
Reader	3,8%	Leser	0
User	80,7%	Benutzer	40%
		Anwender	10%
Owner	38,4%	Besitzer	0
Client	3,8%	Kunde	40%
Operator	15,3%	Betreiber	50%

Apesar de haver várias formas de referir o leitor, todas elas têm aplicações muito concretas. De forma mais genérica, os pronomes “you” ou “your”, em inglês, e “Sie”, em alemão, podem surgir em situações como descrições de processos, de forma a implicar o leitor na realização dos mesmos, em secções legais sobre o produto e o manual ou podem ser utilizados para expressar uma relação de posse do leitor para com o objeto, eventualmente, também de forma a que o leitor se sinta responsabilizado pelo produto que acabou de adquirir. Estes pronomes também se podem registar em secções de agradecimento ao leitor, por ter adquirido o produto, como é mais comum em inglês, ou em textos introdutórios (mais comuns no alemão) que são utilizados para fazer algumas advertências iniciais, algumas explicações sobre o manual ou para incitar o leitor a ler o manual com atenção. Vejam-se os exemplos seguintes:

EN

(31) If you have questions about an app provided with the device, contact a **XXX** Service Centre

(32) Some content may differ from your device depending on the region, service provider, model specifications, or device’s software.

(33) Follow your institution’s policy for safe disposal of all medical waste.

DE

(34) Bitte haben Sie Verständnis dafür, dass wir uns Änderungen in Form, Ausstattung und Technik vorbehalten müssen.

No caso do inglês, estes pronomes têm mais ocorrências em manuais destinados a um público menos especializado. Por outro lado, nos manuais de alemão não se regista essa regularidade. Uma possível explicação é que em alemão o “Sie” obriga a uma marcação da formalidade, enquanto o inglês, com “you/your”, não obriga. No caso do inglês, acaba por marcar-se a formalidade de outras formas, quando se pretende fazê-lo.

O conjunto “reader” e “Leser” tem a particularidade de não ter ocorrências em alemão. Pela quantidade de ocorrências registada é possível concluir, em primeiro lugar, que a palavra “reader” não aparece com muita frequência em textos instrucionais, em inglês, e que a palavra “Leser” poderá nem sequer ser utilizada em textos instrucionais alemães. Tendo em conta a quantidade de ocorrências em todo o corpus, é possível concluir, em segundo lugar, que se for, de facto, utilizada, a palavra “reader” só é utilizada para referir um leitor mais especializado, de forma a criar algum distanciamento entre o redator e o leitor. Ao analisar o documento que contém a única ocorrência da palavra “reader”, foi possível deduzir que esta palavra será, eventualmente, utilizada em casos em que o produto tem mais do que um utilizador e, nesse caso, que o manual tem mais do que um leitor. A utilização de “reader” funciona como forma de responsabilizar alguém pela leitura atenta do manual, para que posteriormente informe eventuais utilizadores diferentes sobre a forma correta de utilizar o produto. Veja-se o exemplo seguinte:

(35) The reader should follow these instructions in order to satisfy any servicing work safely, correctly and quickly.

Ao contrário de “reader” e “Leser”, as palavras “user” ou “Benutzer/Anwender” já aparecem com muito mais frequência. A palavra “user” regista-se com muita frequência em documentos em inglês, enquanto as palavras “Benutzer” e “Anwender” são menos utilizadas em manuais em alemão. Ambas as palavras revelam funcionar como uma forma de distanciamento em relação ao leitor. Em inglês, “user” é utilizado em quase tantos textos como “you/your” e nesses casos de ocorrência em simultâneo é possível concluir que “user” é utilizado para criar alguma distância em relação ao leitor em secções legais e em descrições de funcionalidades do produto. A palavra “user” também cria a possibilidade de haver vários utilizadores para um produto só. Já em alemão, existem duas palavras para “utilizador”, que são “Benutzer” e “Anwender”. Segundo o *DUDEN*, um dicionário de língua alemã, não existe qualquer diferença de significado entre as duas palavras.

EN

(36) The manufacturer’s warranty does not cover loss of data resulting from user actions.

(37) Customise the settings to improve accessibility for visually impaired users.

(38) NOTICE TO USERS IN THE EUROPEAN UNION

DE

(39) Dieses Benutzerhandbuch enthält Information, die vom Benutzer vor der Inbetriebnahme gelesen werden sollten, um einen sicheren Betrieb des Messgerätes **ABC 12345** sicherzustellen.

(40) Betriebs trägt der Betreiber die rechtliche Produktverantwortung für den Schutz des Benutzers, des Personals und Dritter.

(41) Jeder Anwender ist vor Gebrauch der PSA-Atemschutz-ausrüstung verpflichtet, die Kapazität des Luftversorgungssystems, ggf. Auswirkungen auf weitere Anwender des Systems, zu prüfen.

De seguida, surgem as palavras “owner” e “Besitzer”. “Owner” é uma palavra utilizada, especialmente, em casos em que o produto é um veículo, um eletrodoméstico ou um aparelho eletrónico, como um telemóvel. Esta palavra ocorre em secções com texto legal, mas também ocorre em secções que oferecem conselhos sobre o produto e em partes em que o consumidor é responsabilizado pela utilização indevida do produto. Já “Besitzer” é mais uma das palavras que não tem ocorrências em todo o corpus, o que leva a concluir que possivelmente não é muito comum em textos instrucionais. Abaixo encontram-se os exemplos para “owner”:

(42) If your device does not have an FCC ID, it means that the device has not been authorised for sale in the U.S. or its territories and may only be brought to the U.S. for the owner's personal use.

(43) Wrong mounting of the attachment if this has been carried out by the owner or by a third party.

(44) The warranty will be invalid if the product is damaged due to (...) [w]rong mounting of the attachment if this has been carried out by the owner or by a third party.

(45) Be a responsible owner

(46) As the owner/operator, it is your responsibility to protect yourself and your passengers from accidents, including rollovers.

O penúltimo conjunto da tabela 4 é “client” e “Kunde”. Em inglês, a ocorrência de “client” aparece já de forma traduzida para o português numa tabela de descrição de alguns extras fornecidos aos clientes pela marca do produto.

(47) Existem vários cursos online – disponíveis para todos os clientes com produtos que tenham CCP (Customer Care Packages) válidos.

Por sua vez, em documentos em alemão, a palavra “Kunde” só aparece uma vez sozinha e acompanhada de secções de responsabilização do leitor por quaisquer danos provocados pela utilização indevida do aparelho. Nas restantes vezes aparece inserida numa palavra composta “Kundendienst”, ou seja, “apoio ao cliente”.

(48) Entsprechendes gilt, wenn ohne Einwilligung des Herstellers vom Kunden und/oder Dritten unsachgemäß Arbeiten an dem Gegenstand ausgeführt worden sind.

Através do número de ocorrências, é possível concluir que será pouco comum a utilização da palavra “Kunde” sozinha, ou seja, é mais frequente utilizar a palavra inserida no composto para referir o serviço de apoio ao cliente, em vez do cliente, mais concretamente. No caso do inglês, este tipo de serviço é genericamente chamado de “support service” ou “service centre”; portanto, não menciona o cliente diretamente.

O último conjunto de palavras da tabela 4 é “operator” e “Betreiber”. Ambas as palavras ocorrem apenas em manuais muito especializados que adotam um tom muito neutro. Estas duas palavras ocorrem particularmente em secções sobre segurança e também são muito utilizadas em casos em que existe um responsável que irá ensinar outros utilizadores a trabalhar com o produto. Vejam-se ainda alguns exemplos retirados do corpus:

EN

(49) [T]he operator must train the personnel at regular intervals, and inform them about dangers.

DE

(50) Der Betreiber muss sicherstellen, dass das Flurförderzeug nur bestimmungsgemäß verwendet wird und Gefahren aller Art für Leben und Gesundheit des Bedieners oder Dritter vermieden werden.

(51) [Nome da empresa] und der Betreiber müssen besondere Schutzmaßnahmen beachten.

(52) Assistenzsysteme unterstützen den Betreiber von Flurförderzeugen, das Unfallrisiko abhängig vom betrieblichen Umfeld zu reduzieren und auf andere betriebliche Maßnahmen (z.B. eine generelle Geschwindigkeitsbeschränkung) zu verzichten.

De modo geral, e segundo o corpus, as palavras mais utilizadas para referir o leitor serão então “you/your”, “user” e “owner”, em inglês, e “Sie”, “Benutzer/Anwender” e “Betreiber”, em alemão. Quando não é utilizada nenhuma das palavras mencionadas é porque não há referência ao

leitor, utilizando-se o infinitivo. Depois de analisar esta característica nos manuais de instruções de todo o corpus, foi possível verificar que todos os manuais em inglês utilizaram, pelo menos, uma das palavras mencionadas para referir o leitor, ao passo que só sete de dezoito textos alemães referem o leitor, adotando assim, em alguns casos, o infinitivo e/ou a voz passiva. É ainda possível confirmar o que Nicole Baumgarten (2003:21-26) refere em relação aos verbos auxiliares no inglês, ou seja, de facto, os manuais em inglês têm mais tendência a implicar o leitor no processo descrito no texto, através da utilização de pronomes pessoais, como é o caso de “you” e “your”, de adjetivos e expressões coloquiais que acompanham a descrição e de verbos com significados implicativos como “can” e “allow”. É possível confirmar este ponto através dos exemplos (35) e (49).

3.1.5. Estruturas frásicas comuns nos manuais de instruções

Nesta secção, são apresentadas algumas estruturas utilizadas na construção das frases dos manuais de instruções. As estruturas em análise são a passiva, a nominalização e as construções com *-ing* e o imperativo e o infinitivo. Também é feita uma comparação do tamanho das frases nos manuais em inglês e nos manuais em alemão. Gerzymisch-Arbogast (2008:27) analisa algumas destas estruturas e refere que os manuais de instruções em alemão têm alguma tendência a registar uma maior utilização da passiva e das nominalizações. Por sua vez, os manuais em inglês dão preferência à voz passiva.

Após a análise feita ao corpus, pode-se afirmar que a passiva é uma estrutura muito utilizada em manuais, tanto em inglês como em alemão. Esta estrutura regista-se com frequência em secções onde se dão conselhos de segurança ou sugestões sobre a utilização do aparelho e, por vezes, é utilizada em todo o texto para criar algum distanciamento em relação ao leitor. Este resultado confirma o que Bennett (2011:194) refere sobre a passiva. É uma estrutura que faz com que “the active agent in a process is suppressed to allow the focus to fall upon what would otherwise be the gramatical objective”. A utilização desta estrutura tem como consequência a existência de um discurso “sound objective and impersonal”. Apesar de ser uma estrutura com utilização abundante nas duas línguas de partida em estudo neste relatório, pode dar-se o caso de não ser possível utilizá-la também na língua de chegada. A tabela seguinte é composta por alguns exemplos, retirados do corpus, que mostram a ocorrência da passiva na língua de chegada (na coluna de texto à esquerda) e a respetiva transferência para a língua de chegada (na coluna de texto à direita). As traduções foram feitas em contexto de estágio.

Tabela 5 – Frases do corpus escritas na passiva, em inglês e alemão

	Inglês	Português
	Sugestões/indicações sobre o produto	
1	The AAA Proximal Seal System is intended for use by Physicians during CABG procedures to maintain hemostasis and to facilitate the completion of a proximal anastomosis to the aorta without application of an aortic clamp.	O Sistema de Vedação Proximal AAA destina-se a ser utilizado por médicos durante procedimentos de CABG para manter a hemostasia e facilitar a conclusão de uma anastomose proximal na aorta sem aplicação de um clampe aórtico.
2	The Business TV app on the Home Screen is installed automatically after you consent to the service agreement and the collection and use of personal information.	A aplicação Business TV no Home Screen é instalada automaticamente quando aceitar o acordo de serviço, bem como a recolha e utilização de dados pessoais.
	Indicações de segurança	
3	If the supply cord is damaged it must be replaced by the manufacturer, its service agent or similarly qualified persons in order to avoid a hazard.	Se o cabo estiver danificado, tem de ser substituído pelo fabricante, pelo respetivo agente de serviços ou por pessoal igualmente qualificado, de modo a evitar riscos.
4	This appliance can be used by children aged from 8 years and above and persons with reduced physical, sensory or mental capabilities or lack of experience and knowledge if they have been given supervision or instruction concerning use of the appliance in a safe way and understand the hazards involved.	O aparelho pode ser usado por crianças com 8 anos ou mais e pessoas com capacidades físicas, sensoriais ou mentais reduzidas, ou falta de experiência ou conhecimento, sob supervisão ou se lhes tiverem sido dadas instruções relativas à utilização do aparelho de forma segura e entenderem os perigos envolvidos.
	Alemão	Português
	Sugestões/indicações sobre o produto	
5	Das Assistenzsystem muss nach Angaben in dieser Betriebsanleitung eingesetzt, bedient und gewartet werden.	O sistema de assistência deve ser utilizado, manobrado e submetido a trabalhos de manutenção de acordo com as instruções deste manual de instruções.
6	Als "Fremdgerät" wird im folgenden ein Flurförderzeug bezeichnet, dessen Hersteller nicht die [nome da empresa] Aktiengesellschaft ist.	"Aparelho de terceiros" designa, em seguida, um porta-paletes cujo fabricante não seja a [nome da empresa].
	Indicações de segurança	
7	Beim Aufstellen des Geräts darauf achten, dass die Netzanschlussleitung nicht eingeklemmt oder beschädigt wird.	Assegurar que o cabo elétrico não fica entalado nem é danificado durante a instalação do aparelho.

Como é possível verificar, na maioria dos casos, optou-se por escrever a frase, em português, também na passiva; porém, no caso 6, optou-se por uma tradução, utilizando a voz ativa.

Outras estruturas típicas dos manuais de instruções são as nominalizações e a utilização de *-ing*, que é uma estrutura obviamente típica do inglês e não existente no alemão. A nominalização e as construções com *-ing* são estruturas que aparecem recorrentemente em títulos de secções, em secções de indicações de segurança e em descrições sobre o produto; contudo, as nominalizações também podem ser registadas em documentos em que prevalece a utilização da passiva, ou seja,

numa tentativa de dar o foco ao processo e ao produto e não ao leitor. A tabela seguinte apresenta alguns exemplos de nominalizações e de palavras formadas com *-ing* e respetivas traduções para português.

Tabela 6 – Utilização de nominalizações, em inglês e alemão

	Inglês	Português
	Advertências de segurança	
8	Failure to follow this warning can result in serious injury including but not limited to permanent hearing loss.	Falhas no cumprimento desta advertência podem causar danos corporais graves, incluindo, mas não limitado a, perda de audição permanente.
	Complemento à utilização da passiva	
9	For calculation of GFR from cystatin C values measured with the XXX assay the following prediction equation is recommended using mg/L as the unit factor (...)	Para cálculo de GFR a partir de valores de cistatina C medidos com o ensaio XXX é recomendada a seguinte equação de predição utilizando mg/L como fator de unidade (...)
	Títulos	
10	Reagent Storage and Stability	Armazenamento e Estabilidade do Reagente
11	Reagent Preparation	Preparação de Reagentes
	Alemão	Português
	Informações sobre o produto	
12	Gezieltes Herunterfahren der Maschine zur Vermeidung einer Gefahrensituation.	Desconexão orientada da máquina para evitar uma situação perigosa.
	Complemento à utilização da passiva	
13	Der Anschluss des Assistenzsystems an die Schnittstelle des Fremdgeräts und die Konfiguration des Fremdgeräts müssen durch eine vom Hersteller des Fremdgeräts autorisierte Fachkraft erfolgen und für den Betreiber z.B. im Prüfbuch des Fremdgeräts dokumentiert werden.	A ligação do sistema de assistência à interface do aparelho de terceiros e a configuração do aparelho de terceiros devem ficar a cargo de um técnico autorizado pelo fabricante e devem ser registadas pelo proprietário, por exemplo, no registo de inspeções do aparelho de terceiros.
	Títulos	
14	Montage Fahrzeug-Tag	Montagem da identificação do veículo
15	Schnittstellenbeschreibung Assistenzdisplay	Descrição da interface do display de assistência
16	Aufbau und Funktion	Montagem e funcionamento

Tabela 7 – Utilização de palavras formadas com *-ing*, em inglês

	Inglês	Português
	Títulos	
17	Enabling the Auto Source Switch+	Ativar o Auto Source Switch+
18	Transferring to other storage container	Transferência para outro recipiente de armazenamento
	Indicações de segurança	
19	Using an improper fuse can cause damage to the electrical system and may lead to a fire.	Utilizar um fusível inadequado pode danificar o sistema elétrico e provocar um incêndio.

Como se pode ver, a todos os casos de nominalização, em inglês e alemão, foi atribuída uma tradução que utiliza o mesmo processo. Por outro lado, é possível verificar que, no que toca a traduzir palavras formadas com *-ing*, é possível escolher entre duas opções: ou traduzir a palavra para um substantivo, como se vê no exemplo 18 ou para um verbo, como apresentado nos exemplos 17 e 19. Ambas as opções são plausíveis; porém, para o caso da tradução de títulos ou outros contextos em que seja necessário assegurar a coerência do texto, o tradutor deve optar por uma das possibilidades e utilizá-la sistematicamente. Por outro lado, para o caso da tradução do restante corpo do texto, talvez deva ser adotada a alternância de opções, para evitar a repetição de estruturas. É possível que a opção pelos substantivos se torne um pouco mais difícil de manter ao longo do texto, devido à necessidade de nominalizar vários verbos. A dificuldade prende-se com o facto de nem todos os verbos poderem ser nominalizados. Veja-se o exemplo seguinte:

(53) *Bei Unterschreitung des eingestellten Werts öffnet das Saugdruckventil und saugt Umgebungsluft an.* (alemão)

(54) *Se o valor definido não for alcançado, a válvula de pressão de aspiração abre-se e aspira o ar ambiente.* (português)

Além das estruturas já apresentadas, existem ainda dois modos verbais que se registam com grande frequência nos documentos analisados; são eles o imperativo e o infinitivo. Antes de mais, é importante referir que os dois modos foram abundantemente registados no corpus. A utilização do imperativo é vocacionada para a implicação do recetor na leitura e nos comportamentos sugeridos no documento, enquanto o infinitivo é utilizado para evitar referir o recetor e focar a redação do documento no produto. O imperativo tanto é utilizado em documentos especializados, como não especializados; porém, o infinitivo só é utilizado nos documentos especializados, especialmente em casos em que o produto requer várias medidas de segurança para ser operado. Por vezes, pode ainda registar-se a ocorrência dos dois ao mesmo tempo. Este caso ocorre em

manuais especializados que têm uma vasta utilização do infinitivo para a descrição do produto, mas que recorrem ao imperativo para dar indicações de segurança, de forma a implicar mais o recetor nas medidas de segurança.

Apesar destas características que aparentam ser bastante claras, estes dois modos têm a particularidade de serem difíceis de distinguir em inglês, porque apresentam a mesma forma quando escritos. O imperativo, em inglês, só se torna claro quando numa frase existe uma menção direta ao recetor, através, por exemplo, do pronome “your”. Por sua vez, nos documentos em alemão é sempre perceptível a utilização do imperativo. Apesar de, no alemão, o verbo apresentar à partida a mesma forma no infinitivo e no imperativo formal, é possível identificar o imperativo através da presença do pronome “Sie”. Nestes dois casos, o tradutor é praticamente impelido a utilizar o mesmo modo na língua de chegada, salvo indicação em contrário do cliente. É possível comprovar estas informações através dos exemplos seguintes:

Tabela 8 – Utilização do imperativo em inglês e em alemão

	Inglês	Português
20	Read and understand all of the labels on your vehicle.	Leia atentamente todas as etiquetas do seu veículo.
21	Check your delivery against your order to make sure that you have received the right product	Verifique se o que recebeu corresponde à sua encomenda, para garantir que recebeu o produto certo
	Alemão	Português
22	Bitte lesen Sie vor dem Gebrauch des Gerätes die Bedienungsanleitung und Sicherheitshinweise sorgfältig durch und bewahren Sie diese zum Nachlesen auf.	Leia atentamente o manual de instruções e as instruções de segurança antes de utilizar o aparelho e guarde o manual de instruções para futuras consultas.
23	Verwenden Sie das Gerät nicht in der Nähe von entflammabaren Gegenständen und Produkten (...)	Não utilize o aparelho perto de produtos e objetos inflamáveis (...)

Como alternativa ao imperativo, existe, como mencionado, o infinitivo. Visto que é difícil perceber se, em inglês, ele está, de facto, a ser utilizado, caberá ao tradutor ou ao cliente decidir qual dos modos verbais deve ser utilizado na língua de chegada. No caso do alemão, como já se sabe, é fácil perceber se o infinitivo é o modo utilizado no documento ou não, graças à colocação do verbo no final da frase. A tabela 9 apresenta casos, em inglês, em que não é possível distinguir o imperativo do infinitivo e a tabela 10 demonstra a utilização do infinitivo em alemão.

Tabela 9 – Frases em inglês onde não é possível distinguir imperativo de infinitivo

	Inglês	Português
24	Avoid continuous operation above 1/2-throttle.	Evite o funcionamento contínuo acima de 1/2 de aceleração.
25	Keep the appliance and its cord out of reach of children less than 8 years.	Mantenha o aparelho e o respetivo cabo fora do alcance de crianças com menos de 8 anos.
26	Shift the drive select lever into the neutral position.	Coloque a alavanca de seleção da transmissão na posição de ponto-morto.
27	Choose terrain carefully.	Tenha cuidado ao escolher o tipo de terreno.
28	Avoid continuous operation above 1/2-throttle.	Evite o funcionamento contínuo acima de 1/2 de aceleração.

Tabela 10 – Utilização do infinitivo em alemão

	Alemão	Português
29	Leitungen auf benötigte Längen einkürzen, überschüssige Längen dürfen nicht aufgewickelt im Flurförderzeug verbleiben.	Encurtar os cabos até ao comprimento necessário; os comprimentos excessivos não podem permanecer enrolados no porta-paletes.
30	Sicherheitseinrichtungen niemals außer Kraft setzen oder überbrücken.	Nunca desativar nem ligar em ponte os dispositivos de segurança.

Como é possível verificar através dos exemplos da tabela 9, a opção do tradutor foi escrever as frases no imperativo. Um dos motivos para esta opção de tradução poderá ser a necessidade de chegar mais perto do recetor, tendo em conta que os produtos referidos em cada frase são eletrodomésticos ou carros. Visto que o público-alvo dos manuais, aos quais as frases pertencem, não é especializado, esta opção aproxima, de certa forma, o documento do leitor, acabando por chamar mais a sua atenção. No caso do alemão, é claro que a opção foi manter o modo verbal contido na língua de partida.

A última particularidade a ser apresentada nesta secção é a diferença de tamanho nas frases em inglês e nas frases em alemão. Segundo o observado no corpus, os manuais em ambas as línguas seguem um esquema de tema e rema, no que toca ao encadeamento do pensamento; contudo, o alemão utiliza mais pronomes relativos, para não iniciar novas frases consecutivamente, o que torna as frases maiores. Apesar do comprimento, as frases são igualmente claras. Vejam-se os exemplos seguintes:

Inglês

The network name (SSID) and security key are available on the wireless access point's configuration screen. See the wireless access point's user manual for more information.

Alemão

Der An- oder Einbau von zusätzlichen Einrichtungen, mit denen in die Funktionen des Assistenzsystems eingegriffen wird oder diese Funktionen ergänzt werden, ist nur nach schriftlicher Genehmigung des Herstellers zulässig.

3.1.6. Utilização de símbolos e palavras de aviso

Brigitte Horn-Helf (2007:82-83) estabelece duas possíveis classificações para as várias palavras de aviso que podem aparecer num manual de instruções. A primeira classificação tem como base a utilização da palavra, ou seja o perigo que esta anuncia, e a segunda classificação é relativa ao grau de precisão com que as palavras de aviso traduzem o significado que lhe é atribuído. Estas classificações são baseadas nas frases que acompanham as palavras de aviso, porque são elas que explicam o motivo e o tipo de perigo iminente. Para cada parâmetro, a autora apresenta alguns exemplos em inglês e em alemão (e também em russo que é irrelevante para o presente relatório).

A primeira classificação divide as palavras de aviso em “Gefahr von Personenschaden” [perigo de danos pessoais], “Gefahr von Sachschaden” [perigo de danos materiais], “Gefahr von Funktionsstörungen” [perigo de falha de funcionamento] e “Bedienungs- und andere Erleichterungen [sugestões de utilização e outros]”. Para os casos em que a palavra apresenta um “Gefahr von Personenschaden”, são utilizadas as palavras “Vorsicht” e “Warning”; no caso de “Gefahr von Sachschaden”, são utilizadas as expressões “Zur Beachtung” e “Caution”; em situações de “Gefahr von Funktionsstörungen”, são utilizadas palavras como “Wichtig” e “Important”; já no caso de “Bedienungs- und andere Erleichterungen”, são frequentes as palavras “Anmerkung” e “NOTE”.

Tendo em conta a classificação já atribuída acima, a segunda classificação avalia se a palavra escolhida apresenta o mesmo nível de perigo que o contido no texto que a acompanha. Por vezes, o sentido da palavra não está de acordo com o sentido da frase. Desta forma, Horn-Helf (2007:83-84) explica que, em relação ao texto, as palavras podem ser “unterdimensioniert” [subdimensionadas], “überdimensioniert” [sobredimensionadas] ou “entfremdet” [distantes]. No primeiro caso, a palavra que é utilizada para expressar o perigo contido no texto tem um sentido mais leve do que o perigo anunciado. Isto pode acontecer quando uma palavra que expressa perigo de falha no equipamento é utilizada para acompanhar um texto que expressa perigo de ferimentos graves. No segundo caso, acontece o contrário; ou seja, a palavra utilizada anuncia um perigo mais

grave do que o expressado no texto. Por exemplo, é utilizada uma palavra que expressa perigo de ferimentos, enquanto o texto expressa perigo de danos materiais. No último caso, a palavra utilizada pode ter qualquer uma das utilizações referidas na primeira classificação; porém, o texto não constitui, nem um aviso de perigo, nem uma informação útil para o utilizador.

Nos documentos contemplados na análise, foram encontradas dez palavras de aviso, para o caso dos documentos em inglês, e seis para o caso dos documentos em alemão. A definição das palavras de aviso, presentes nas tabelas 11 e 12, foi retirada da legenda contida nas primeiras páginas dos manuais, como é possível ver nas imagens seguintes:

Figura 1 – Legenda de palavras e símbolos de aviso retirada do corpus

	For a direct danger which could lead to severe personal injury or to death.
	For a possibly dangerous situation, which could lead to heavy bodily injury or to death.
	For a possibly dangerous situation which could lead to personal injury. This symbol is also used to indicate possible damage to property.
	For general safety notes as listed in this section.
	Used for electrical dangers, warnings and other notes in regarding operation with electricity.
	NOTE for possibly dangerous situations which could lead to damages to property or system failure or IMPORTANT for helpful user information.

Figura 2 - Legenda de palavras e símbolos de aviso retirada do corpus

	Warning: situations that could cause injury to yourself or others
	Caution: situations that could cause damage to your device or other equipment
	Notice: notes, usage tips, or additional information

Figura 3 – Legenda de palavras e símbolos de aviso retirada do corpus

⚠ GEFÄHR!
Kennzeichnet eine außergewöhnlich große Gefahrensituation. Wird dieser Hinweis nicht beachtet, kommt es zu schweren irreversiblen Verletzungen oder zum Tod.
⚠ WARNUNG!
Kennzeichnet eine außergewöhnlich große Gefahrensituation. Wird dieser Hinweis nicht beachtet, kann es zu schweren irreversiblen oder tödlichen Verletzungen kommen.
⚠ VORSICHT!
Kennzeichnet eine Gefahrensituation. Wird dieser Hinweis nicht beachtet, kann es zu leichten oder mittleren Verletzungen kommen.
HINWEIS
Kennzeichnet Sachgefahren. Wird dieser Hinweis nicht beachtet, kann es zu Sachschäden kommen.

Havia documentos cujas palavras de aviso não tinham legenda; portanto, para esses casos, adotou-se o método de observação das ocorrências, com vista a perceber quais os significados atribuídos às palavras. No caso dos manuais em inglês, registaram-se as seguintes palavras de aviso e respectivos significados:

Tabela 11 - Palavras de aviso retiradas dos manuais em inglês

Palavra	Significado
Danger	Perigo iminente de ferimento grave ou de morte, se a situação não for evitada.
Warning	Potencial perigo de ferimento grave pessoal ou de outros ou morte.
Caution	1) Perigo de danos ou de falha no equipamento (utilização mais frequente); 2) Perigo de ferimentos ligeiros.
Careful	Perigo de ferimentos ligeiros.
Important	1) Perigo de danos ou falha no equipamento (utilização mais comum); 2) Informação/sugestão útil para o utilizador.
Notice Note	1) Dicas, sugestões de utilização e informação adicional (utilização mais comum); 2) Precauções a tomar para evitar danos no veículo.
N.B.	Todo o tipo de informações e indicações.
Tip	Dicas, sugestões de utilização ou informação adicional.
Environment	Possível perigo para o ambiente.

É importante referir que as palavras apresentadas não aparecem todas ao mesmo tempo nos documentos. A combinação mais comum é o trio “Danger”, “Warning” e “Caution”, podendo ser complementadas por palavras como “Notice” e “Tip”, especialmente se o produto for um veículo, um eletrodoméstico ou um aparelho eletrónico. Graças à análise feita, foi possível concluir que as palavras também podem variar em sentido; contudo, há sempre uma das aceções a ser mais utilizada, o que acontece com “Caution”, “Important” e “Notice” ou “Note”. Há três palavras de

aviso que apresentam particularidades. A primeira palavra é “Warning”, que, por vezes, é a única a ser utilizada para todo o tipo de avisos. A segunda é “N.B.” que significa *nota bene*, em latim, e também pode ser utilizada como denominador geral de todos os avisos. A terceira palavra é “Environment”, que não aparece muitas vezes nos manuais, e anuncia perigos para o ambiente. No caso dos manuais em inglês, é mais frequente aparecer este aviso em documentos que cumpram a legislação da União Europeia para o meio ambiente.

Nos documentos em alemão, por sua vez, foram registadas seis palavras que são apresentadas na seguinte tabela:

Tabela 12 - Palavras de aviso registadas nos manuais em alemão

Palavra	Significado
Gefahr	Perigo iminente de ferimento grave ou de morte, se a situação não for evitada.
Warnung	Potencial perigo de ferimento grave pessoal ou de outros ou morte.
Vorsicht	Perigo de ferimentos ligeiros.
Achtung	1) Perigo de danos ou falha no equipamento; 2) Informação/sugestão útil para o utilizador.
Hinweis	Perigo de danos ou falhas no equipamento.
Umwelt	Possível perigo para o ambiente.

Assim como no inglês, também os manuais em alemão têm um trio mais comum que é composto por “Gefahr”, “Warnung” e “Vorsicht”. Este trio é várias vezes acompanhado pela palavra “Hinweis” e, em alguns casos, pela palavra “Umwelt”. “Warnung” também é a palavra utilizada para casos em que só existe uma palavra de aviso e a palavra “Umwelt” nem sempre é utilizada. Porém, nos manuais em alemão é muito comum haver uma secção dedicada à forma como o equipamento deve ser eliminado, de forma a não prejudicar o meio ambiente. A ocorrência desta palavra e de uma secção dedicada à eliminação do produto poderá estar relacionada com as medidas da UE, relativas à proteção do meio ambiente, e também com o facto de esta preocupação ser uma prática comum na Alemanha e nos países de língua alemã, em geral.

Tendo em conta as classificações apresentadas por Horn-Helf (2007:42:44) e os dados obtidos dos manuais, é necessário agora perceber quais os pontos de convergência e divergência. Em primeiro lugar, tendo em vista os exemplos em inglês e a primeira classificação, é possível concluir que o significado das palavras “Danger”, “Warning”, “Caution”, “Important” e “Note”, coincide nos dois lados. Não obstante, se se voltar às tabelas, é possível verificar que as palavras “Caution”, “Important” e “Note/Notice” apresentam duplo significado. Isto significa que, do ponto

de vista da segunda classificação, estas três palavras podem constituir um caso de palavras “überdimensioniert” [sobredimensionadas]. Em segundo lugar, tendo em vista os exemplos em alemão e a primeira classificação, é possível concluir que só “Vorsicht” e “Achtung” (sendo uma variante de “Zur Beachtung”) é que coincidem nos dois lados. Contudo, também “Achtung” apresenta um duplo significado, o que significa que, do ponto de vista da segunda classificação, pode apresentar-se como uma palavra “überdimensioniert” [sobredimensionada]. Por último, sabe-se que as palavras “Warning” ou “Warnung” são, por vezes, utilizadas para anunciar qualquer tipo de aviso, mas que, tradicionalmente, elas anunciam “Gefahr von Personenschaden” [perigo de danos pessoais], do ponto de vista da primeira classificação. Tendo esta informação em conta, é possível assumir que também elas podem constituir um caso de palavras “überdimensioniert” e eventualmente até de palavras “entfremdet” (Horn-Helf, 2007:83-84).

A utilização de palavras de aviso também é um fator importante na tradução dos manuais para português. É importante que, quando traduzidas, as palavras possam expressar o mesmo significado de utilização que o original. Numa análise feita à tradução das palavras de aviso dos manuais em inglês e alemão, foi possível perceber que não existe consenso em todos os manuais acerca das palavras a utilizar para as traduções. A tabela abaixo apresenta as palavras de aviso encontradas em inglês e alemão e apresenta as traduções que foram retiradas do corpus e os significados que lhes são atribuídos.

Tabela 13 – Palavras de aviso em inglês e alemão e respetivas traduções

	Inglês	Alemão	Tradução	Significado
31	Danger	Gefahr	Perigo	Indica uma situação de risco iminente ou de morte que, se não for evitada, provocará danos pessoais ou morte.
32	Warning	Warnung	Atenção; Aviso; Advertência	Alerta para uma situação potencialmente perigosa que poderá provocar ferimentos graves ou a morte, pessoal ou de outros.
33	Caution	Vorsicht	Cuidado; Atenção; Advertência	1) alerta para situações possíveis de causar danos no seu dispositivo ou em outro equipamento (mais frequente); 2) indica uma situação potencial de risco que, se não for evitada, poderá provocar ferimentos ligeiros ou moderados.
34	Careful	Achtung	Cuidado;	Alerta para uma situação potencialmente perigosa que poderá provocar ferimentos pouco graves.
35	Important	Hinweis	Importante; Aviso	Alerta para uma situação potencialmente perigosa que pode provocar avarias mecânicas, danos na máquina ou danos materiais.
36	Note	Achtung	Nota	Destaca sugestões e recomendações úteis e fornece informações sobre como utilizar o produto eficazmente e sem interrupções.

37	Notice	Achtung	Aviso; Atenção	1) fornece notas, dicas de utilização ou informações adicionais (mais frequente); 2) alerta para uma situação potencialmente perigosa ou de uma utilização não recomendada que, a não ser evitada, pode provocar danos materiais, financeiros e ambientais significativos.
38	N.B.		Nota	Utilização geral.
39	Tip(s)		Sugestão(ões); Nota	1) fornece sugestões que facilitam a utilização (mais frequente); 2) aparece como um termo geral;
40	Environment	Umwelt	Meio-ambiente	Indica potenciais perigos ambientais.

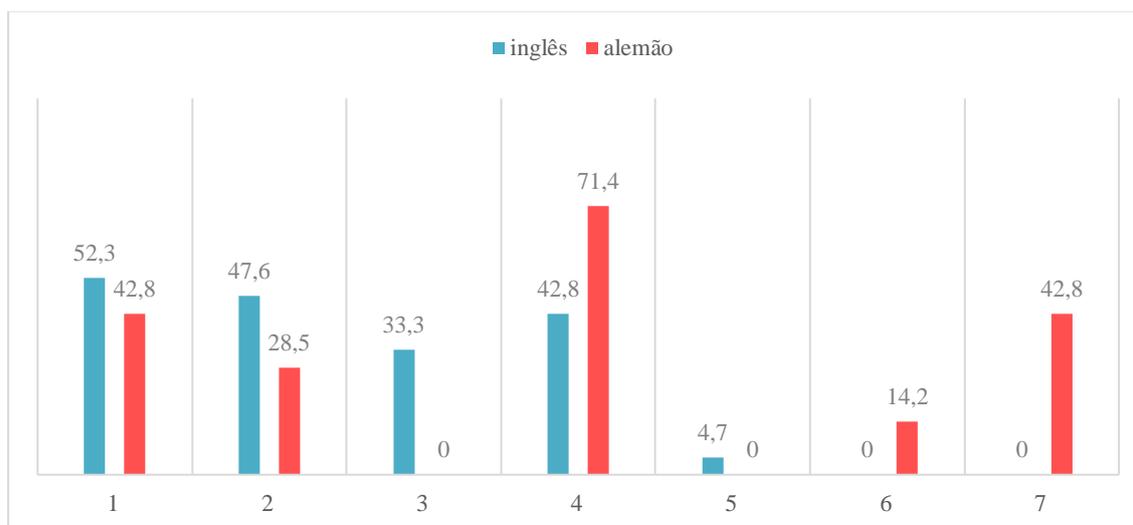
Como é possível perceber, nos dois trios assinalados como mais comuns nas duas línguas, só a palavra que expressa um perigo mais grave é que tem consenso. Fora isso, só se encontra consenso nos exemplos 34, 36 e 40. As palavras assinaladas a negrito, na coluna “**Tradução**”, são as palavras mais utilizadas para traduzir as opções em ambas as outras línguas. É nos manuais mais especializados que é possível encontrar um pouco mais de consenso, visto que se opta sempre pelas mesmas opções de tradução que são, neste caso, as palavras a negrito. Os restantes manuais menos especializados, por utilizarem um número menor de palavras de aviso, variam mais nas opções de tradução. Muitas vezes, as palavras “Aviso” e “Advertência” acabam por ser escolhidas como a opção que expressa todo o tipo de perigos. Através destas informações é possível concluir que existe alguma falta de critério na tradução de palavras de aviso e que isso pode provocar vários casos de palavras “*unterdimensioniert*”, “*überdimensioniert*” e até “*entfremdet*” (Horn-Helf, 2007:83-84).

Apesar de todas estas ocorrências, também se encontraram documentos, nas duas línguas, sem uma única palavra de aviso e isto conduz a análise a duas peculiaridades que acompanham estes sinais. Neste caso, trata-se dos símbolos de aviso e do código de cores ou formatação. Os símbolos de aviso e as cores, ou a formatação do texto, são duas estratégias que ajudam o leitor a prestar mais atenção a determinadas frases. O símbolo de aviso mais utilizado é o sinal de perigo, semelhante ao do código da estrada, que pode aparecer a cores ou a preto e branco. Este símbolo pode ser utilizado especificamente para uma palavra de aviso ou então pode acompanhar todas as palavras de aviso. Por outro lado, podem surgir outros símbolos de aviso, como o ponto de exclamação (!) ou uma espécie de árvore estilizada, que representa o meio-ambiente. Os códigos de cores e/ou formatação mais frequentes são a apresentação de frases e/ou secções a vermelho, a negrito ou dentro de caixas. Em casos em que não há palavras de aviso, é utilizado um destes sistemas para captar a atenção do leitor. Nos casos em que tanto existem estas marcas gráficas, como as palavras de aviso (cf. Figura 1, Figura 2 e Figura 3), as combinações mais frequentes são:

i) vermelho para “Danger” e “Gefahr”; ii) laranja para “Warning” e “Warnung”; iii) amarelo para “Caution”, “Careful”, “Vorsicht” e “Achtung”; iv) azul para “Important”, “Notice”, “Note” e “Hinweis” e v) verde para “Environment” e “Umwelt”, uma cor justificada pela causa que as palavras representam.

3.1.7. Utilização de marcadores de cortesia

O último ponto a apresentar é a utilização de marcadores de cortesia ao longo dos manuais. O único marcador de cortesia avaliado é a expressão “por favor”, mais concretamente, os seus equivalentes em alemão e em inglês; portanto “bitte” e “please”, respetivamente. Este marcador é observado com bastante frequência em textos instrucionais, daí a inclusão desta estatística na análise. Os dados do corpus revelaram que este marcador de cortesia é mais registado em manuais em inglês do que em alemão, e encontra-se aplicado sempre a pedidos que estão fora da explicação do processo de funcionamento do produto, como, por exemplo, o pedido para: i) contactar o distribuidor/apoio ao cliente, em caso de dúvidas; ii) ler atentamente o manual; iii) verificar pormenores/detalhes noutras secções; iv) prestar a atenção a particularidades (ou também o fornecimento de alguns conselhos) e à forma como se elimina o produto corretamente; v) verificar outros produtos da marca (estratégia de marketing e de persuasão do cliente a investir na marca); vi) o cliente indicar sugestões à empresa. No gráfico seguinte, cada motivo para a utilização do marcador é apresentado com a percentagem relativa à quantidade de textos em que o marcador ocorre nas duas línguas.

Gráfico 2 – Distribuição do marcador de cortesia

Legenda:

1. Contactar o distribuidor/apoio ao cliente;
2. Ler atentamente o manual;
3. Redirecionar para outras secções;
4. Chamar a atenção para particularidades ou dar conselhos sobre o produto;
5. Convencer o cliente a comprar outros produtos da marca;
6. Pedir sugestões ao cliente;
7. Chamar a atenção para as regras de eliminação de produtos e outras questões ambientais.

Depois de observar o gráfico, é possível reparar que, apesar de o marcador de cortesia ser mais utilizado genericamente em inglês, há dois parâmetros em que ele só aparece no alemão, que são o pedido de sugestões para o manual de instruções ao cliente e a chamada de atenção para a eliminação do produto, que é um assunto que foi referido na secção sobre os símbolos e palavras de aviso.

Em termos de tradução, não foi encontrada nenhuma ocorrência da tradução do marcador de cortesia para português, ou seja, a tradução deste exemplo de marcador não é comum em manuais de instruções em português.

3.2. Conclusão

A análise dos estudos existentes e dos dados mostrou que há muito em comum nos manuais, mas também características distintas em cada língua, nos diferentes aspetos analisados e que serão sintetizados nos parágrafos seguintes.

Sobre a situação comunicativa, é importante referir que os manuais são textos com uma função referencial, que descrevem um determinado produto para determinado público-alvo, e cuja consulta é pontual. A escrita dos manuais de instruções é fortemente influenciada pelas convenções existentes em cada cultura de partida e/ou de chegada e também pela especialização do produto e do público que o lê.

Em relação aos títulos, é possível concluir que os textos em inglês recebem mais títulos com “abstrahierende Deklarationen” (declarações abstrativas), enquanto os textos alemães recebem mais títulos com “fokussierte und integrative Deklarationen” (declarações focalizadas ou integradoras). Esta estratégia pode basear-se num desejo de maior aproximação ao leitor, no caso inglês, e num desejo de maior focalização no produto, no caso alemão.

No que toca à estrutura, os manuais, em inglês e em alemão, revelaram alguma variedade, dependendo da dimensão do documento e da especialização do produto. Não obstante, a investigação revelou que estes textos são compostos por algumas partes obrigatórias e também por algumas facultativas. As partes obrigatórias constituem uma estrutura base cujas secções englobam indicações e/ou de segurança, características técnicas, de preparação da instalação e instalação, de montagem e desmontagem, de manutenção e cuidados e de resolução de problemas. Por outro lado, as partes facultativas são secções como, por exemplo, a introdução, os agradecimentos pela compra e a eliminação correta do produto. Regra geral, são secções que tentam aproximar o redator do texto, neste caso, a empresa, ao leitor. Relativamente aos textos introdutórios, verificou-se uma maior ocorrência nos manuais em alemão. Nos manuais em inglês é mais frequente não encontrar introdução ou apenas algumas frases de explicação do manual. Por outro lado, também surgiu a questão da paginação, que revelou que nem todos os manuais seguem o mesmo estilo de numeração de página. Existe um tipo de paginação mais complexa (ou seja, paginação com vários elementos, para além do número) que poderá ser uma prática mais comum dos manuais de instruções grandes e em inglês. O mesmo não se registou nos manuais em alemão, já que não houve nenhuma ocorrência deste tipo de paginação.

No que toca à referência do emissor e do recetor do documento, chegou-se à conclusão que a prática de mencionar o emissor nos manuais é muito comum nas duas línguas, inclusive o motivo mais frequente pelo qual ele é mencionado é comum às duas. Mais concretamente, a referência ao emissor como o fabricante do produto mencionado e de outros da mesma marca. Em contrapartida, a referência ao recetor apresenta dados diferentes. Os textos em inglês têm um estilo de escrita que aproxima e implica mais o leitor do produto, enquanto os textos em alemão têm alguma tendência

a utilizar formas de distanciar o leitor do texto. Esta é uma conclusão que vai ao encontro dos resultados obtidos para o parâmetro dos títulos.

A utilização da passiva, do infinitivo e do imperativo, das nominalizações e de construções com *-ing* também se revelaram elementos típicos deste tipo de documento. Foi possível observar uma vasta utilização da passiva, tanto nos manuais em inglês como nos manuais em alemão, mas chegou-se à conclusão que nos manuais em inglês é mais frequente utilizar-se a voz ativa. Do ponto de vista da tradução para português, verificou-se que nem sempre a estrutura frásica da língua de partida permite a conservação da passiva na língua de chegada. Por sua vez, a utilização do infinitivo e do imperativo, em inglês, mostrou-se difícil de distinguir, devido à forma semelhante que os dois modos assumem, o que não é um problema no alemão. Na tradução para português de manuais de instruções em inglês, registou-se uma preferência pelo imperativo, em casos em que não é possível distinguir os dois modos verbais. Os manuais em alemão mais especializados optam pela utilização do infinitivo, o que não provoca grandes dificuldades na tradução para português. A nominalização e as construções com *-ing* são muito utilizadas em títulos das secções e em secções de avisos. (Não obstante, é importante considerar que construções de palavras com *-ing* só são aplicadas ao inglês.) Para o caso das nominalizações, considerou-se que a preservação deste sistema, na tradução para português, pode suscitar algumas dificuldades, devido ao facto de não se conseguirem obter substantivos para todos os verbos. Quanto à utilização de palavras formadas com *-ing*, na tradução para português é comum recorrer à utilização do infinitivo ou da nominalização.

Relativamente às palavras de aviso, foi possível registar uma maior variedade de palavras nos manuais em inglês do que nos escritos em alemão. Porém, foi possível perceber que, em ambas as línguas, existe um trio de palavras que é utilizado com mais frequência, que é geralmente acompanhado por uma quarta palavra. Nos conjuntos utilizados para os avisos, há uma palavra para sinalizar o perigo iminente de danos pessoais graves ("Danger"; "Gefahr"), uma para o possível perigo de danos pessoais graves ("Warning"; "Warnung"), uma para o possível perigo de danos pessoais ligeiros ("Caution"; "Vorsicht") e finalmente, uma para o perigo eventual de danos no equipamento ("Important"; "Hinweis"). Quanto à tradução para português, foi possível perceber que, no caso dos manuais menos especializados, não existe um consenso em relação à tradução destas palavras de aviso, sendo elas, por vezes, traduzidas para palavras mais vagas, como "Aviso" ou "Advertência". Para além de avisos de perigo para pessoas e materiais, registou-se ainda a utilização de um aviso relativo aos perigos para o meio-ambiente, que é mais frequentemente utilizado em alemão. A acompanhar estas palavras de aviso, registou-se um sistema de cores e/ou

formatação e de símbolos que ajudam o leitor a ter mais atenção aos perigos e informações relevantes. Para esse efeito, é utilizado o vermelho (aviso de ferimentos graves e/ou morte iminentes do utilizador), o laranja (aviso de possíveis ferimentos graves), o amarelo (aviso de possíveis ferimentos ligeiros), o azul (aviso de possíveis danos no equipamento ou outras informações importantes e/ou dicas de utilização) e o verde (aviso de possíveis perigos para o meio-ambiente).

Por fim, os dados relativos à utilização do marcador de cortesia, nas duas línguas ("please"; "bitte"), revelaram-se contrários ao que era esperado. Tendo em conta a vasta utilização de "bitte" noutros contextos, para além do analisado neste trabalho, o esperado era que fossem os textos em alemão a apresentar mais ocorrências do marcador de cortesia, ou seja, são os textos em inglês que revelam uma maior utilização do marcador. Apesar disto, em ambos os casos, o marcador de cortesia só ocorre quando se fazem pedidos ao recetor que vão para além das ações obrigatórias descritas ao longo do documento. Do ponto de vista da tradução para português, o corpus analisado não apresentou nenhuma ocorrência da tradução deste marcador de cortesia.

Os diversos aspetos descritos indicam que há algumas diferenças entre os manuais escritos nas duas línguas analisadas, mostrando a existência de diferentes convenções e normas que levam a que os leitores de cada cultura possam ter expectativas diferentes para o mesmo tipo de documento. Para além disso, foi possível perceber que, entre os manuais destas duas línguas, poderão ainda existir diferenças ao nível da especialização do produto. Infelizmente, a investigação não pôde seguir muito nesse sentido, porque os dados adquiridos em estágio não permitiam uma comparação igualitária de manuais especializados e não especializados. A existência de diferenças entre os vários níveis de especialização de manuais poderá vir a ser um tema alvo de investigação futura. Apesar de tudo, tanto ao nível das expectativas condicionadas pela cultura como ao nível do grau de conhecimento especializado, a análise realizada permite, de certa forma, confirmar o que é dito na secção "2.3. A função da tradução e a relação com o leitor e com o cliente" sobre a influência do público-alvo na tradução do texto.

BIBLIOGRAFIA/FONTES CONSULTADAS

- Aixelá, J. F. (janeiro de 2004). The Study of Technical and Scientific Translation: An Examination of its Historical Development. *The Journal of Specialised Translation* (1), pp. 29-49. Obtido em 24 de fevereiro de 2021, de https://jostrans.org/issue01/art_aixela.php
- Allen, J. (2003). Post-editing. Em H. Somers (Ed.), *Computers and translation: a translator's guide* (Vol. 35, p. 297). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. doi:<https://doi.org/10.1075/btl.35>
- Alonso, C. G. (2016). *La traducción de textos técnicos: los manuales de instrucciones* (Trabajo fin de grado, Facultad de Traducción e Interpretación de la Universidade de Valladolid). Retirado de Repositorio Documental. (<http://uvadoc.uva.es/handle/10324/21073>)
- Associação Portuguesa de Empresas de Tradução. (2020). *Bem-vindo à página oficial da APET*. Obtido em 29 de novembro de 2020, de APET - Associação Portuguesa de Empresas de Tradução: apet.pt
- Baumgarten, N. (2003). Close or Distant: Constructions of Proximity in Translations and Parallel Texts. Em H. Gerzymisch-Arbogast, E. Hajičová, P. Sgall, Z. Jettmarová, A. Rothkegel, & D. Rothfuß-Bastian (Edits.) *Jahrbuch Übersetzen und Dolmetschen: Textologie und Translation*, 17-34. Obtido em 28 de julho de 2021, de <https://bit.ly/2VjYWgA>
- Bennett, K. (2011). The Scientific Revolution and Its Repercussions on The Translation of Technical Discourse. *The Translator*, 17(2), pp. 189-210. doi:<https://doi.org/10.1080/13556509.2011.10799486>
- Byrne, J. (2006). *Technical Translation: Usability Strategies for Translating Technical*. Dordrecht, The Netherlands: Springer. doi:10.1007/1-4020-4653-7
- Cervero, V. V. (2007). La correspondencia entre función comunicativa y función semántica en los manuales de instrucciones. *Comunicación y Sociedad* (7), pp. 129-145. doi:<https://doi.org/10.32870/cys.v0i7.3909>
- Chesterman, A. (2016). *Memes of Translation: The spread of ideas in translation theory. Revised Edition*. (Vol. 123). Amsterdam & New York: John Benjamins Publishing Company. doi:doi 10.1075/btl.123

- Dietz, B. (2016). Introduction: Special Issue ‘Translating and translations in the history of science’. *Annals of Science*, 73(2), pp. 117-121. doi:<https://doi.org/10.1080/00033790.2016.1141641>
- Esselink, B. (2000). *A Practical Guide to Localization* (Vol. 2). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. doi:<https://doi.org/10.1075/liwd.4>
- Gerzymisch-Arbogast, H. (2008). Fundamentals of LSP Translation. *LSP Translation Scenarios: MuTra Journal*, 2, 7-48. Obtido em 20 de julho de 2021, de http://www.translationconcepts.org/pdf/MuTra_Journal2_2008.pdf
- Gouadec, D. (2007). *Translation as a Profession* (Vol. 73). Amsterdão: John Benjamins Publishing Company. Obtido em 27 de novembro de 2020
- Halliday, M. A., & Martin, J. R. (1993). *Writing Science: Literacy and Discursive Power* (1ª ed.). New York: Routledge. doi:<https://doi.org/10.4324/9780203209936>
- Hempel, K. G. (2006). Adressatenbezug und Expliziertheit: zur Übersetzung italienischer Bedienungsanleitungen. Em C. Heine, K. Schubert, & H. Gerzymisch-Arbogast (Edits). *Text and Translation: Theory and Methodology of Translation* (pp. 235-252). Tübingen, Alemanha: Narr Francke Attempto Verlag. Obtido em 10 de fevereiro de 2021, de https://www.academia.edu/2175063/Adressatenbezug_und_Expliziertheit_zur_%C3%9Cbersetzung_italienischer_Bedienungsanleitungen
- Hempel, K. G. (janeiro de 2009). Intercultural interferences in technical translation: a glance at Italian and German technical manuals. *The Journal of Specialised Translation* (11), pp. 102-123. Obtido em 30 de novembro de 2020, de https://www.jostrans.org/issue11/art_hempel.pdf
- Horn-Helf, B. (2003). Deklaration in Varianten der Textsorte „Anleitung“: Makrokulturelle Präferenzen und ihre translatorischen Behandlungen. H. Gerzymisch-Arbogast, E. Hajičová, P. Sgall, Z. Jettmarová, A. Rothkegel, & D. Rothfuß-Bastian (Edits.) *Jahrbuch Übersetzen und Dolmetschen: Textologie und Translation*, 133-144. Obtido em 28 de julho de 2021, de <https://bit.ly/2VjYWgA>
- Horn-Helf, B. (2007). *Kulturdifferenz in Fachtextsortenkonventionen: Analyse und Translation*. Frankfurt am Main: Peter Lang. Obtido em 14 de fevereiro de 2021, de

https://books.google.pt/books?id=ctaTZQ4YgAoC&printsec=copyright&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false

- Kingscott, G. (2002). Technical translation and related disciplines. *Perspectives: Studies in Translatology*, 10(4), pp. 247-255. doi:10.1080/0907676X.2002.9961449
- Larson, M. L. (1987). Establishing Project-Specific Criteria for Acceptability of Translations. (M. G. Rose, Ed.) *Translation Excellence. Assessment, Achievement, Maintenance, I*, p. 69. doi:<https://doi.org/10.1075/ata.i>
- Lee-Jahnke, H. (1998). Training in Medical Translation with Emphasis on German. (H. Fischbach, Ed.) *Translation and Medicine, X*, pp. 82-83; 88-89. doi:<https://doi.org/10.1075/ata.x.10lee>
- McMurray, D. (2009). 7.7 *Writing Instructions*. (S. Last, Editor) Obtido em 15 de fevereiro de 2021, de British Columbia/Yukon Open Authoring Platform: <https://pressbooks.bccampus.ca/technicalwriting/chapter/writinginstructions/>
- Montgomery, S. L. (2000). *Science in translation: movements of knowledge through cultures and time*. Chicago & London: The University of Chicago Press. doi:<https://doi.org/10.1075/babel.50.4.09jia>
- Nord, C. (1995). Text-Functions in Translation: Titles and Headings as a Case in Point. *Target*, 7(2), pp. 261-284. doi:<https://doi.org/10.1075/target.7.2>
- Nord, C. (2018). *Translating as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained* (2^a ed.). (T. Hermans, Ed.) London and New York: Routledge. doi:<https://doi.org/10.4324/9781351189354>
- Olohan, M. (2009a). Commercial Translation. Em M. Baker, & G. Saldanha (Edits.), *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (2^a ed., p. 40). Abingdon, United Kingdom: Routledge. doi:<https://doi.org/10.4324/9781315678627>
- Olohan, M. (2009b). Scientific and Technical Translation. Em M. Baker, & G. Saldanha (Edits.), *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (2^a ed., p. 246). Abingdon, United Kingdom: Routledge. doi:<https://doi.org/10.4324/9781315678627>
- O'Neill, M. (1998). Who Makes a Better Medical Translator: The Medically Knowledgeable Linguist or the Linguistically Knowledgeable Medical Professional? A Physician's

- Perspective. (H. Fischbach, Ed.) *Translation and Medicine*, X, pp. 76-78.
doi:<https://doi.org/10.1075/ata.x.09one>
- Reiß, K., & Vermeer, H. J. ([1984] 2014). *Towards a General Theory of Translational Action - Skopos Theory Explained* (1^a ed.). (M. Dudenhöfer, Ed., & C. Nord, Trad.) London & New York: Routledge. doi:<https://doi.org/10.4324/9781315759715>
- Robinson, D. (2012). *Becoming a Translator: An Introduction to the Theory and Practice of Translation* (3^a ed.). London & New York: Routledge.
doi:<https://doi.org/10.4324/9780203108727>
- Sager, J. C. (1998). What Distinguishes Major Types of Translation? *The Translator*, 4(1), pp. 69-89. doi:<https://doi.org/10.1080/13556509.1998.10799007>
- Schäffner, C. (1998). The Concept of Norms in Translation Studies. *Current Issues in Language & Society*, 5(1-2), pp. 1-8. doi:<https://doi.org/10.1080/13520529809615500>
- Toury, G. (1998). A Handful of Paragraphs on 'Translation' and 'Norms'. *Current Issues in Language & Society*, 5(1-2), pp. 10-27. doi:<https://doi.org/10.1080/13520529809615501>
- Toury, G. (2012 [1980]). *Descriptive Translation Studies – and beyond (Revised Edition)* (Vol. 100). Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
doi:<https://doi.org/10.1075/btl.100>